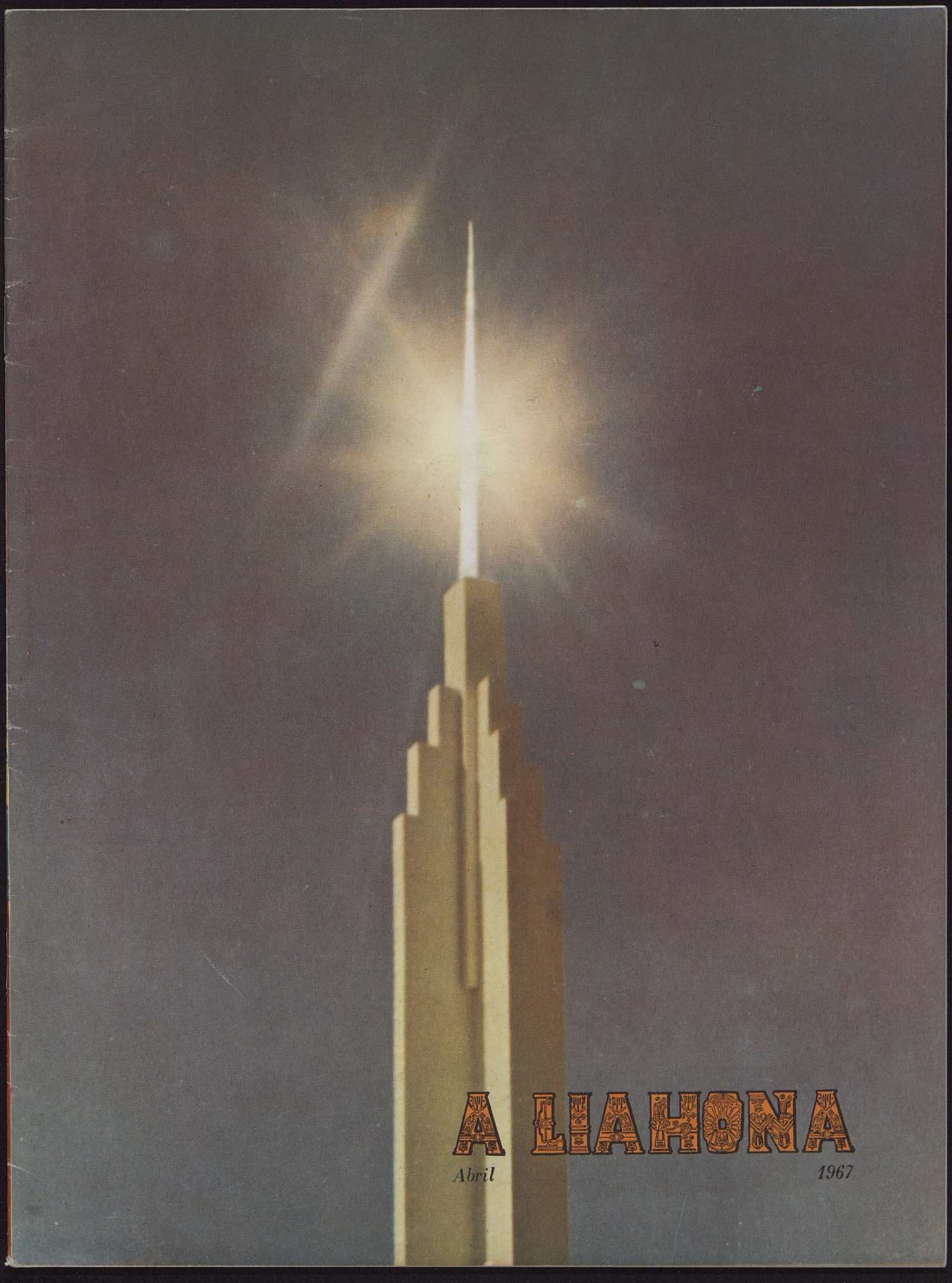
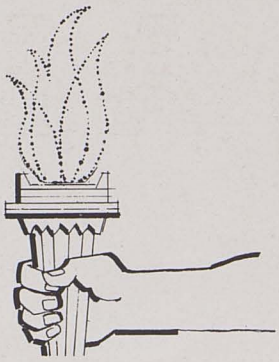


A LIAHONA

Abril 1967

IDÉIAS

ETERNAS



LEITURA ESSENCIAL PARA TODO SANTO DOS ÚLTIMOS DIAS

A IGREJA RESTAURADA

Uma interessantíssima introdução histórica ao mormonismo. e ao seu povo. Com magníficas ilustrações a 4 côres. Um perfeito presente para amigos e investigadores e magnífico auxílio para missionários. Preço Cr$ 7.000.

A PALAVRA DE SABEDORIA E VOCÊ

Dedicado à pureza da juventude, trazendo discussões, destinadas a fortalecer os jovens contra os males da atualidade. Como disse o Apóstolo Petersen, "Não há substituto para os fatos e nenhum inimigo como a ignorância". Preço Cr$ 900.

JUVENTUDE E A IGREJA

Especialmente destinado aos atuais problemas da juventude, destacando a importância da escôlha de um viver reto, de conformidade com as doutrinas do mormonismo. Leitura inspiradora, bem apropriada a um presente. Preço Cr$ 750.

VOCÊ PODE APRENDER A FALAR

Um importante e valioso instrumento para todo membro da Igreja: como criar e proferir discursos vívidos e eficazes, como expressar-se mais claramente. Os jovens e os adultos beneficiar-se-ão grandemente com esta ajuda. Preço Cr$ 1.100.

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, a quatro côres, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui ótima sugestão para um presente. Preço Cr$ 1.100 (com capa Cr$ 1.500).

LIVROS QUE MERECEM UM LUGAR PERMANENTE NA SUA BIBLIOTECA E NO SEU PROGRAMA DE LEITURA

explorando o universo

Dr. Franklin S. Harris Jr.

ATRAÇÃO ENTRE OS INSETOS

Sabe-se a longo tempo que os insetos utilizam secreções químicas para atrair o sexo oposto, mas não foi senão em 1960 que o primeiro produto capaz de atrair fêmeas, um álcool complexo produzido por um tipo de mariposa, foi completamente compreendido. Descobriram-se produtos capazes de produzir atração sexual em quase todos os insetos pesquisados, incluindo a môsca, o mosquito e a abelha. Algumas substâncias não são específicas às espécies devido a que machos de espécies relacionadas podem ser atraidos por elas. Uma possível aplicação de grande importância é o uso de substâncias capazes de provocar atração sexual para provocar separação entre as espécies daninhas sem os efeitos colaterais frequentemente resultantes do emprêgo de inseticidas. Com cêrca de um milhão de espécies de insetos formalmente descritas e cêrca de dois milhões ainda por descrever, há ainda muitos desafios na Entomologia.

O NOSSO SOL E A VIA-LACTEA

O nosso sol está a meio caminho da beirada da nossa galáxia, que tem a forma de uma pizza, a Via-Láctea. A luz, viajando cêrca de 300.000 quilômetros por segundo, leva cêrca de 100.000 anos para atravessá-la pelo seu diâmetro. Nosso galáxia contém cêrca de 100 bilhões de estrêlas e completa uma volta cada 250 milhões de anos. A galáxia mais próxima à nossa é chamada Andrômeda, ou Messier 31, e sua luz leva cêrca de 2 milhões de anos para chegar até nós. A distância é medida pelo período da estrêla variável Cefeida que revela seu tamanho e luminosidade verdadeiros.

A LIAHONA

ABRIL DE 1967 VOL. XXI — N.º 4

ARTIGOS

Separação Entre Pais e Filhos 6
Educando Crianças Sàbiamente 7
A Partir de Cumorah 12
O Lar é a Solução 17
Um Educador Observa os Casamentos no Templo 18
Seu Bôlo Está Apenas Dois Têrços Assado 21
Não Há Decisões de Pequena Importância 24
Informe Mórmon de Beirute 24
A Armadura da Fé em Deus 27

SEÇÕES

Explorando o Universo 3
Onde Está o Segrêdo — *Mensagem de Inspiração* 4
Nós Ajudamos a Desenvolver as Regras — *Sacerdócio de Melquisedeque* 8
O Contador de Histórias — *Meu Cantinho* 10
Nenhum Outro Nome — Sociedade de *Socorro* 25
Dificuldades com Mamãe — *Página Feminina* 29
As Mãos Delas Buscam as Suas — *Ensino* 31
Propósitos na Vida — *Genealogia* 33
Um Clamor Sagrado — *Escola Dominical* 35
Fiéis Atender Tua Voz — *Escola Dominical* 35
Notícias 37
A Ùltima Palavra 38
Programa Noite Familiar — **páginas centrais**

Capa: Rui M. Bronze

A LIAHONA — R. Afonso Braz, 464, 3.º, cj. 31 fone 61.2344 - São Paulo.

Editor: Hélio da Rocha Camargo Redator: Francisco Máximo C. Silva

A Revista "A Liahona", editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa, tradução do Unified Magazine, da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, n.º 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, cinfirme Decreto n.º 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Assumpção Teixeira, Ind. Gráfica S.A., R. Ana Neri, 466, São Paulo.

Estaca São Paulo, R. Iguatemi, 1980, São Paulo, SP.
Missão Brasileira, R. Henrique Monteiro, 215 — fone 80-4638, C.P. 862, São Paulo, SP.
Missão Brasileira do Sul, R. Gal Carneiro, 490, fone 4-8016, C.P. 778, Curitiba, PR.
Missão de Construção, R. Itapeva, 378, fone 33-6761. São Paulo, SP.

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação.

Preços: Brasil, Ano: Cr$ 3.000; Exterior, Ano US$ 4.00; Exemplar: Cr$ 300; Número Anterior: Cr$ 600.

Onde está

MENSAGEM DE INSPIRAÇÃO DO PRESIDENTE DAVID O. MCKAY

Muitas pessoas hoje em dia perguntam-se sôbre onde está o segrêdo do crescimento, da estabilidade, e da vitalidade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O segrêdo está no testemunho que cada fiel à Igreja possui, de que o evangelho consiste de princípios corretos. Foi êste mesmo testemunho que foi dado a Pedro e a outros na primitiva Igreja.

Êste testemunho é revelado a todo homem sincero que se conforme aos princípios do evangelho de Jesus Cristo, que obedeça às ordenanças e que se torne qualificado a receber, e que recebem, o Espírito Santo para guiá-lo.

A alguns é dado, diz o Senhor, numa revelação registrada em Doutrina e Convênios, conhecer pelo Espírito Santo que Jesus é o Filho de Deus e que foi crucificado pelos pecados do mundo. Mas o Senhor diz ainda mais, que há outros a quem é dado crer pelo testemunho das palavras de outros, para que também possam receber a salvação, se continuarem fiéis. (D&C 46:13-14.)

A todos êstes, entretanto, o testemunho vem em cada desempenho do dever. Sabem que o evangelho os ensina a ser melhores indivíduos, que a obediência aos seus princípios os faz homens mais fortes e mulheres mais verdadeiras. Diàriamente tal conhecimento lhes vem, e não podem contradizê-lo; sabem que a obediência ao evangelho de Jesus Cristo os faz melhores e mais fiéis maridos, espôsas verdadeiras e honradas, filhos obedientes, e em todos os respeitos, construtores ideais de lares.

Sabem que a obediência ao evangelho patrocina a verdadeira fraternidade e o companheirismo entre os sêres humanos; sabem que são melhores cidadãos por virtude da obediência às leis e ordenanças. Ao executarem suas tarefas diárias e aplicarem a religião

o Segrêdo

nas suas profissões, a verdade do evangelho se torna exemplificada em suas vidas.

O testemunho do evangelho é uma âncora para a alma meio à confusão e conflitos. É glorioso ter um testemunho da existência de Deus e da divindade da Igreja de Cristo. Êste conhecimento é a maior posse que pode lhe advir. Mas com êste testemunho vem uma grande responsabilidade — a habilidade de viver à sua altura, de agir em harmonia com êle. "Aquêle pois que sabe fazer o bem e o não faz, comete pecado." (Tiago, 4:17).

Seus futuros atos na Igreja e a própria vida serão grandemente determinados pelo fundamento sôbre o qual o seu testemunho repousa. Um testemunho verdadeiro deve ser algo vivo e sempre em crescimento.

Um testemunho pode vir pelos podêres da razão, na verdade porém, como guia da alma a razão vale tanto como as estrêlas e a lua como guia dos homens; a luz da fé é tão brilhante quanto a luz do sol para a terra. A fé é a certeza dentro da pessoa, sôbre a qual o testemunho da divindade do Senhor Jesus Cristo repousa inabalável. Deixem-me dizer a todos os jovens e membros novos da Igreja, não fiquem desencorajados se o testemunho não vier imediatamente. Não veio sùbitamente a Pedro. Deixem-me chamar sua atenção para um exemplo.

Após ter alimentado os 5.000, o Salvador cruzou para Cafarnaum, num mar tempestuoso. Alguns dos 5.000 caminharam pela margem norte e foram a Cafarnaum para encontrá-lo no dia seguinte. Lá êle pronunciou uma mensagem magistral, na qual disse à multidão reunida: "Me buscais, não porque vistes a glória de Deus, mas porque comestes dos pães e vos saciastes." (veja João 6:26) Haviam visto o milagre, mas tinham perdido algo mais profundo, mais significativo.

Então Jesus pronunciou aquêle notável discurso sôbre o pão da vida, mas o seu simbolismo êles não podiam compreender, e começaram a se afastar. Aquêles que o haviam seguido começaram a deixá-lo e a virar-lhe as costas; finalmente, restaram apenas doze, a quem êle disse: "Quereis vós também retirar-vos?" (Jo.6:67) Pedro, o impulsivo líder, o porta-voz prático e sólido, disse-lhe: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.

"E cremos e estamos seguros de que tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (João 6:68-69.)

Lendo isto, sempre me demoro nas palavras "cremos" e "estamos seguros," porque penso que êste é o modo em que Pedro o disse.

Jesus saiu com seus discípulos de Cafarnaum e foi à montanha próxima para ensiná-los em algo mais, e foi enquanto lá se encontrava durante aquela semana que perguntou: "Quem dizem os homens que eu sou? (Mt. 16:13) Êles responderam e disseram: "Alguns dizem que sois Elias, e outros Jeremias e outros João Batista." (Veja Mt. 16:14) Então êle disse: "E vós, quem dizeis que eu sou?" E Pedro respondeu sem hesitação: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo." (Mt. 16:16)

"Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque to não o revelou a carne e o sangue, mas meu Pai, que está nos céus.

"Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela." (Mt. 16:17-18)

A inspiração, revelação à alma individual, é a rocha sôbre a qual o testemunho deve ser edificado, e não há ninguém vivo que possa recebê-lo a menos que se conforme às leis e viva uma vida limpa, o que permitirá ao Espírito Santo colocar êste testemunho nêle.

E assim possa ser com cada um de vós, que buscais sinceramente.

foto de Rui M. Bronze

Separação entre os Pais e Filhos

por *Richard L. Evans*

Novamente sôbre esta questão das amplas diferenças que se estabelecem entre maridos e espôsas, da separação de pessoas que deveriam manter-se juntas—o outro lado desta questão refere-se aos pais e filhos, e sua necessidade de confiança e de estarem juntos. Òbviamente, não é possível para os pais e os filhos introduzirem-se ativamente cada um em tôdas as atividades do outro, mas os pais e os filhos podem estar informados e interessados, e podem comunicar-se e manter uma intimidade confiante, serem mais acessíveis, abertos e compreensivos, Os pais devem ser bons ouvintes e acessíveis para uma conversa. Os filhos devem partilhar com seus pais um relato confiante dos seus sentimentos, esperanças, interesses e atividades. Cada um deve ser responsável a alguém —alguém que se importe, alguém que espere. Um pai ou mãe, esperando e despertos, falando e ouvindo, é uma grande fonte de segurança. Os pais precisam saber, e os filhos precisam falar, para se aconselhar, confidenciar, para sua própria segurança e certeza. Jamais deveria ser, como dolorosamente disse um observador, "A maioria das pessoas que vejo em minha própria casa, vejo através de um golfo."[1] Jamais deveria haver no lar um tal golfo para se olhar através dêle. — nenhuma grande distância dentro de tais paredes. Jamais deveria ser "sós para estar juntos..."[2] Precisamos manter nossas famílias unidas, para conversar, para ensinar, para aconselhar, para confidenciar e não para estarmos muito ocupados para as coisas que mais importam. "O que mais nos importa," disse Carlyle, "não é ver o que aparece indistintamente à distância, mas fazer o que está claramente à mão." O lar feliz e responsável é a solução para os obstáculos sociais que nos assediam. Depois que tudo o mais é dito e considerado, não há nenhum outro caminho. Qualquer que seja o problema, a inconveniência, o tempo que leve, êste é o primeiro e último apêlo aos pais e aos filhos: Mantenham-se juntos uns dos outros, em respeito, amor e consideração, em conselho, confidência e comunicação. "Ser feliz no lar," disse Samuel Johnson, "é o resultado final de tôda a ambição."[3]

1. Emerson, *Journals*, Vol. 5, p, 324.
2. Twentieth Century Fox: "Suave é a Noite" (Filme)
3. Samuel Johson, *The Rambler*, n.º 68.

"A Palavra Proferida" da Praça do Templo, apresentada pela estação KSL e pela rêde CBS, 7 de agôsto de 1966.

EDUCANDO CRIANÇAS SÀBIAMENTE

Bispo Victor L. Brown
do Bispado Presidente

As leis do Estado de Utah, EUA, proíbem o uso de fogos de artifício. Num dos estados vizinhos são permitidos. Em julho passado, enquanto visitavamos êsse estado vizinho, nosso filho de 12 anos, com seus amigos, divertiu-se muito com seus fogos. Dissemos-lhe que seria necessário desfazer-se de todos os fogos antes de voltarmos para casa. Isso pareceu-lhe um tanto tôlo. Se era legal numa cidade, por que não na próxima, distante apenas alguns quilômetros? Finalmente êle concordou.

Tendo chegado em casa, encontrou um vizinho que ainda tinha alguns fogos. A tentação foi demasiado grande, assim êle o comprou alguns do amigo. Que mal faria? Não há muita graça em fogos, a menos que se faça algo com êles, e foi o que êstes garôtos resolveram fazer.

Isto ocorreu enquanto sua mãe e eu tinhamos saído à noite. Graças a alguma estranha coincidência, um policial descobriu, apanhou os garôtos e os trouxe para casa.

Você pode imaginar-se com 12 anos sendo trazido para casa por um policial por ter violado a lei? — principalmente após ter se formado na Primária, onde aprendeu a décima segunda regra de fé: "Cremos... na obediência, na honra e na manutenção da lei," e tendo sido ordenado diácono no Sacerdócio Aarônico, ocasião em que prometeu ao seu bispo honrar o sacerdócio, e também, tendo se tornado escoteiro.

Esta foi verdadeiramente uma experiência traumática, e estou certo de que jamais será esquecida por nenhum de nós.

Sentou-se na sala de estar aguardando a nossa chegada. O pensamento de ter desobedecido ao bispo, a seus pais, e acima de tudo, a seu Pai Celestial, pesava grandemente sôbre êle. Não queria que soubessemos de outra bôca, mas queria dizê-lo êle mesmo.

Não obstante o desapontamento pela sua desobediênia, que resultou em ter quebrado a lei, meu coração encheu-se de orgulho por êle tido a coragem de voluntàriamente, contar-nos a enrascada em que se metera. Não houve desejo de nos enganar ou iludir.

Durante a discussão muito séria que se seguiu à sua revelação, ficou implícito que êle tinha deixado levar-se por outros e não havia sido forte o suficiente para manter sua posição. Então êle disse: "É minha a responsabilidade, não se deve culpar ninguém mais."

Foi sòmente após eu ter-lhe assegurado que o único propósito de relatar esta experiência era o de tentar ajudar alguém mais a aprender com o seu engano, foi que deu sua permissão para usá-la hoje.

Parece-me que há pelo menos duas lições a serem aprendidas nesta triste experiência. A primeira é bastante óbvia— anecessidade de obedecer a lei, não importa quão pequena ou desnecessária possa parecer. Na sociedade atual, há muitos que ensinam a filosofia de que temos o direito de quebrar as leis com as quais não concordemos. Se cada elemento da sociedade fosse adotar essa atitude, haveria uma desenfreada anarquia, e reinaria o cáos.

Um dos princípios básicos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias encontra-se na décima segunda Regra de Fé, escrita pelo Profeta Joseph Smith em 1 de março de 1842: "Cremos na submissão aos reis, presidentes, governadores e magistrados, como também na obediência, honra e manutenção da lei." Portanto, isto não deixa margem às preferências pessoais quanto a que leis obedecer.

A segunda lição talvez não seja tão óbvia, mas é, não obstante, de importância vital, isto é: como pais, partilhamos de responsabilidade das ações, de nossos filhos sejam boas ou más. Suponho que nenhum de nós deixaria de reconhecer os sucessos dos nossos filhos e talvez sentir algum orgulho em ter algo a ver com suas realizações, mas o que ocorre quando cometem enganos? Uma reação bastante diferente tem lugar. Frequentemente damos vaza a sentimentos de ira. Ao passo que tivemos algo a ver com seu sucesso, negamos por nossos atos ter qualquer parte nos seus fracassos.

Qual é a primeira coisa que geralmente acontece quando uma criança ou um jovem confessa um malfeito aos seus pais? muitas vêzes, uma séria reprovação ou talvez até mesmo castigo físico

(*Continua na pág.* 20)

Nas decisões da família quanto às despesas, compras, mudanças, uso do carro, os seus filhos se sentem deixados de lado? Ou podem dizer . . .

"Nós Ajudamos a Desenvolver as Regras"?

por *Ray L. Jones**

Os consêlhos familiares têm sido inavaliáveis na criação da família. Olhando o passado, não sei como poderíamos ter tratado as inumeráveis decisões e problemas individuais da nossa família, de oito crianças, sem essas reuniões regulares de planejamento e negócios, em casa.

Nossos consêlhos familiares começaram em 1950, quando fui tranferido para a Califórnia pelo Departamento de Educação da Igreja, a fim de estabelecer as aulas matinais do seminário. Meu trabalho requeria muita viagem e frequência a numerosas reuniões. Isso afastava-me do lar a maior parte do tempo. Além do mais, tinha-me matriculado no programa de doutoramento da University of Southern California, e estava frequentando aulas à noite e aos sábados. Nessa situação os conselhos familiares nos fizerem possível ter a influência do sacerdócio com a família durante a semana, à medida que os planos e decisões tomadas nessas reuniões eram levados a cabo.

Nossa filha mais velha diz: "Os conselhos familiares e as noites familiares eram diferentes em nossa casa. Podiam ser realizadas na mesma noite, mas eram duas reuniões diferentes. Em nossos conselhos familiares seguiamos o seguinte:

"1. Discutiamos os planos para a semana vindoura e obtinhamos aprovação para namorados, festas, etc.

"2. O programa de papai para a semana era discutido (em detalhe) e assim sabìamos em que noites êle estaria em casa.

"3. Planejavamos nossos passeios e férias familiares.

"4. O maior acontecimento em cada conselho era o pagamento das mesadas e o estabelecimento das obrigações pessoais.

"5. Usavamos o conselho familiar para estabelecer as regras para a família. Ajudavamos a estabelecer essas regras. Quando vinham certas coisas coisas como namôro e o uso do carro da família, alguns compromissos tinham que ser assumidos; mas chegavamos a um acôrdo e sabíamos em que pé estávamos. Essas regras ajudavam a dar-me uma real estabilidade como adolescente, e mesmo que nem sempre eu gostasse das regras, apreciava ter limites estabelecidos para mim."

Ha muitos conselhos familiares que se destacam nas memórias dos nossos filhos:

A NOITE EM QUE DIVIDIMOS O PAGAMENTO

O salário de papai foi trazido para casa em notas e moedas e foram igualmente divididas entre todos os membros da família. Então, ao serem apresentadas as contas do mês, cada membro da família "pagou" a sua parte do dízimo, ofertas do jejum, pagamento da casa, contas da mercearia, despesas do carro, utilidades, economias, etc. Quando todas as contas haviam sido pagas, cada pessoa tinha visto exatamente para onde fora o dinheiro e quão pouco restara. Viram também claramente em que setôres podiamos ajudar a "esticar" a renda da família, apagando as luzes, etc.

---

*O Dr. Ray L. Jones é Professor de Educação na Faculdade Estadual de San Fernando Valley, Northridge, Califórnia. É o líder do grupo de sumo sacerdotes da 2.ª Ala de Northridge, Estaca de Resedá, Calif. Serviu como capelão do Exército Americano no Pacífico de 1943 a 1945; foi diretor dos seminários de Wyoming, Idaho, Utah e Califórnia do Sul de 1943 a 1956 e foi diretor do Colégio de Palo Verde, Blyth, Calif., de 1956 a 1958. Cumpriu missão nos Estados Sulinos, 1938-40. Esposou Sybil Nelson, e têm oito filhos. Um dos filhos está servindo no Vietnam; outro está aquartelado em Fort Hauchuca, Arizona. Um outro filho está servindo em missão na Missão Andina.

COMPRAMOS UMA ENCICLOFÉDIA

Nosso segundo filho mais velho diz: "Jamais esquecerei a decisão de comprar uma enciclopédia para a família. Eu tinha então, sòmente dez anos, mas realmente me senti incluido e confiava que o meu voto havia feito a balança pender em favor da compra. Ainda posso me lembrar do sentimento de orgulho e de importância ao consentir que meu "dinheirinho" fosse usado para ajudar a fazer os pagamento. Minha contribuição (quão irônico me parece agora!) eram os centavos que eu tinha pago como multa ao banco da família, por deixar de guardar minhas roupas, ou não tomar parte nas tarefas da família. Era agradável saber que mesmo os meus erros estavam se tornando construtivos!"

A FILHA CONDUZ A FAMÍLIA

Nossa filha mais velha recorda-se: "Lembro-me de que quando tinha 15 anos, alguns parentes nossos sofreram intoxicação alimentar, e nossos pais tiveram que se ausentar por algumas semanas. Como filha mais velha, coube-me a responsabilidade de dirigir a casa enquanto êles estivessem fora. Reunimos o conselho familiar para discutir a situação, traçar algumas normas, designar tarefas a cada criança e fixar um orçamento para alimentos e outras despesas essenciais. Com essa organização prosseguimos muito bem, enquanto nossos pais estavam fora, e não necessitamos da assistência oferecida pelos vizinhos e pela ala."

DISCUTIMOS O NÔVO EMPRÊGO DE PAPAI

Um outro filho nosso diz: "Certa vez, quando foi oferecido a papai um nôvo emprêgo que requeria a nossa mudança para outra cidade, o assunto foi apresentado num conselho familiar e nos foi dada a oportunidade de discutir os prós e os contras de oferta. Ajudar a tomar a decisão deu-nos um sentimento de participação, e de que realmente tinhamos voz ativa na solução. Também ajudou-nos a aceitar sem queixas os problemas pessoais que a mudança para uma nova comunidade trazia a cada membro da família."

CONSÊLHOS INDIVIDUAIS

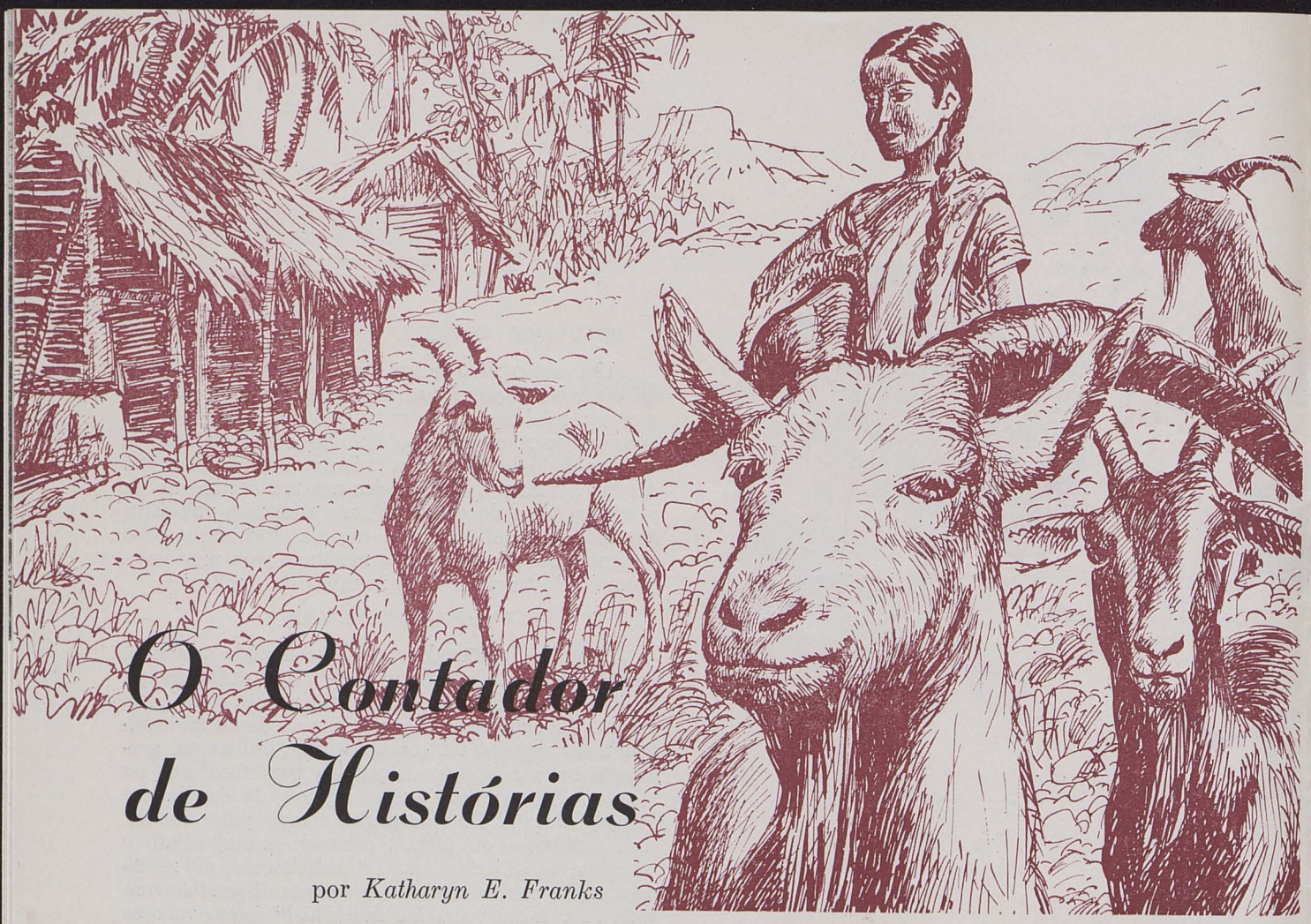
Além das sessões do conselho com tôda a família, realizamos "conselhos individuais" com cada criança. Geralmente eram iniciados ao tomarmos consciência de um problema especial, aproximação de algum acontecimento especial tal como batismo, ordenação, graduação ou antecipação de partida para faculdade ou missão. Nesses casos fomos capazes de dar inteira atenção a cada filho, arranjar tempo para discutir seus problemas ou planos, oferecer encorajamento e conselho, e assistí-los no estabelecimento de metas dignas. Os poucos minutos que temos dispendido com cada filho nesse "conselho individual" foram valiosos e compensadores na edificação de pontes de compreensão e apreço entre nos e nossos filhos.

FUNCIONAM OS CONSELHOS FAMILIARES?

Nossos conselhos familiares realmente funcionaram? Ajudaram nossos filhos a desenvolver capacidade de liderança e a aprender tomar decisões sàbiamente? É talvez muito cêdo para responder a essas questões completa e objetivamente, mas um nosso filho missionário fêz a seguinte avaliação:

"Para mim, o conselho familiar tem sido um evento no qual foram feitos planos e estabelecidas metas. Tem harmonizado tanto os problemas da família quanto as coisas agradáveis que lhe aconteceram. Tenho apreciado o conselho familiar porque cada membro da família tem uma oportunidade de expressar-se e tornar conhecidos os seus sentimentos. É valioso porque permite aos pais tomarem o pulso da família; e além do mais, permite aos filhos saber o que está acontecendo na vida dos pais. Dá às crianças a oportunidade de participarem nas decisões da família e ganhar esperiência em tomar as suas próprias decisões."

Minha espôsa resume o valor dos conselhos familiares ao dizer: "Parece-me que nossos problemas tem aumentado quando ficamos "ocupados de mais" para as reuniões regulares, e que nossas dificuldades familiares tem diminuido quando nos tornamos mais prudentes em utilizar os conselhos familiares e individuais."



O Contador de Histórias

por *Katharyn E. Franks*

No interior da cabana de taipa com teto de sapé que sua mãe usava como leiteria, Matula ràpidamente polia os brilhantes vasos pintados.

"Se ao menos o dia corresse e terminasse, "Matula pensou ansiosa, "então o contador de histórias estaria esperando na praça da aldeia."

Na índia é costume que o contador de histórias venha uma vez por ano à aldeia, e se acomode num banco sob uma figueira. Lá, na praça da aldeia, êle faz soar o seu tambor, chamando os aldeões.

Êste é o sinal que é tempo de começar as suas histórias.

Quando a mãe de Matula saiu da porta carregando um pequeno vaso de leite, parecia adivinhar os pensamentos da sua filha.

"Estou muito ansiosa para ouvir a história de Ramaiana. o antigo hindú," Matula disse à sua mãe. "É o meu épico favorito. Quase não aguento esperar para ouvir a história da Rainha Jhansi que conduziu um exército em batalha."

Sua mãe derramou o leite fresco de cabra numa das jarras polidas. "Espero que Krishma tenha retormado do campo com seu búfalo, "disse a mãe. "Esta é a parte da história do nosso país que o seu irmão mais aprecia. Não gostaria de perdê-la."

Enquanto sua mãe saia da cabana levando o balde vazio. Matula imaginava como seria após aquela noite. Em todos os dias vindouros, pensava feliz com seus botões, poderei contar outra vez as histórias, em minha própria mente.

Lá pelo meio dia Matula varreu o cercado que rodeava as três casas de taipa da família. Ficou feliz ao sentir o sol batendo bem em cima do seu cabelo trançado. Agora, já se passara a metade do dia.

"Se eu fôr cêdo para a praça," pensou, "talvez consiga um lugar bem aos pés do contador de histórias. Perder uma só palavra das suas fascinantes histórias seria como derrubar no chão um pedaço do delicioso bôlo de mangas de sua mãe e deixá-lo ser comido pelos cães. As palavras, tal como o bôlo, estariam para sempre perdidas."

Finalmente, excitada, Matula notou que o sol lançava longas sombras no chão, e era hora de ajudar a mãe na refeição vespertina.

"Seu pai e eu iremos para o campo," disse-lhe sua mãe ao terminarem o jantar.

"Por favor, dê água e alimento às cabras após termos saido. Quando Krishma voltar dos arrozais com seu búfalo, dê água e alimento ao búfalo. Krishma estará cansado. Após ter comido, êle deverá levar uma jarra de leite a seu tio. Então poderá ir para a praça. Mais tarde, seu pai e eu iremos à praça, e voltaremos para casa juntos.

Tão logo ouviu os passos do irmão no quintal, correu a servir um prato de peixe, dois bôlos de trigo e uma jarra de leite.

"Êste búfalo é muito irriquieto," Krishma disse a Matula, ao começar comer. "É obediente no campo,

mas sua alma anela pelo seu lar em Matar."

"Tem saudades de Matar, a vila onde o compramos," respondeu Matula. "Deverá ser o búfalo mais rápido na corrida da colheita dentro de poucos mêses," acrescentou.

"Êsse bicho não ficaria quieto o tempo suficiente para que alguém pusesse uma guirlanda no seu pescoço." disse o irmão.

Terminada a refeição, Krishma correu à leiteria com a jarra de leite sob o braço e desapareceu de vista.

Com mãos nervosas, Matula limpou os pratos em que Krishma havia comido o guardou-os.

Agora estava pronta para correr e alimentar os animais, e então estaria a caminho da praça da aldeia.

Usualmente, Matula encontrava o búfalo no lado fresco da casa, descansando após o dia de trabalho no campo.

Ansiosamente, procurou em volta das três casas de taipa. As duas cabras pastavam no quintal, e as galinhas garnizé ciscavam e bicavam o chão duro, mas o búfalo havia desaparecido.

Matula sabia que não poderia deixar o búfalo extraviar-se, do contrário não estaria alí para o trabalho da manhã. Correu pelos quintais vizinhos procurando-o frenèticamente, mas nenhum sinal da sua corcova cinzenta estava à vista.

Sentiu um aperto no coração, e lutou para fazer parar as lágrimas ansiosas. Já era hora do contador de histórias bater o seu tambor, e agora ela tinha que sair atrás daquele boi traquinas!

"Se pelo menos êle fosse mais lento," soluçou, ao alcançar a estrada, "mas quão rápido galoparia êle estando excitado?"

Com os olhos cheios de pó ela parou e olhou a estreita e suma estrada que levava a Matar. De inicio não tinha certeza, mas depois não havia dúvidas. À distância, algo se agita à beira da estrada. Era difícil de ver, pois o objeto estava meio oculto no denso capim sêco.

Repentinamente, Matula correu estrada à fora tão rápido quanto podia, com suas longas saias batendo selvagemente em sua pernas escuras.

Mais de perto, Matula viu a figura movendo-se, e instanteneamente viu que não era o búfalo, mas um homem estirado à beira do caminho poeirento.

Quase sem respiração devido à corrida, Matula aproximou-se dêle. Era um homem velho, magro e cansado.

"Vem," disse Matula bondosamente esticando a mão. "Vou ajudar-te a ir até nosso quintal. Podes beber e descansar lá antes de continuares."

Matula não reconheceu no homem ninguém que houvesse visto na vila. Devia ter vindo de longe, sem comer.

Tão logo alcançaram o quintal Matula correu a apanhar o banquinho de pele de cabra para que o viajante nêle descansasse. Colocou-o no lado mais fresco da casa. Correndo para dentro, encheu um copo de leite. Suas mãos tremiam, e ela derramou o precioso leite. Estava triste por estar certa de que o tambor a muito soara na praça da aldeia.

Quando o homem terminou de beber, ergueu a mão e limpou o pó da testa. Um tênue sorriso cruzou sua face ao estender o copo a Matula. "*Danuad*" (Obrigado), disse êle.

Matula não sabia o que fazer a seguir. Decidiu deixar o estranho e ir procurar Krishma para falar-lhe sôbre o búfalo. Antes que ela pudesse explicar ao estranho, Krishma entrou correndo no quintal.

Ràpidamente, Matula falou-lhe do búfalo e perguntou se êle havia visto o contador de histórias.

"Êsse bicho fujão," ralhou Krishma. "Vou procurá-lo. A praça está apinhada." acrescentou, "mas o contador de histórias ainda não chegou. O povo espera vê-lo vir da estrada, a qualquer momento."

"Meus queridos filhos," disse o ancião, levantando os olhos, "eu sou o contador de histórias... muito velho nisso. Talvez demasiado velho para viajar de aldeia em aldeia."

Matula afastou-se assombrada! Sim, a voz era velha, porém macia e nòtàvelmente clara. Na verdade, era a vóz de alguém que poderia tecer grandes histórias.

"Correrei à vida e contarei aos outros que estás aqui. Podes contar tuas histórias aqui," Krishma explicou. "Volto assim que encontrar o boi fujão!"

Muito depois de Krishma ter encontrado e voltado com o búfalo, e de o animal ter enfiado as velhas pernas nodosas no barro para passar a noite, o contador de histórias sentou-se no banco de pele de cabra e contou suas histórias.

As cabras moviam-se atrás da casa na escuridão, mas o povo ouvindo às histórias não as escutava.

Matula achou as histórias mais emocionantes do que imaginara.

(*Continua na página* 34)

ilustrado por Jean Claude Mezires

Via Dolorosa, Jerusalém.

O cemitério Protestante no Monte Sião mostrando a escarpa da fortaleza Jebusita e o vale de Hinon.

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

POR HUGH NIBLEY, DOUTOR EM FILOSOFIA
PROFESSOR DE HISTÓRIA E RELIGIÃO NA UNIVERSIDADE DE BRIGHAM YOUNG

Traduzido de The Improvement Era por Regina Kauag

O Testamento de Lehi/Parte I, continuação

**Simbolismo do Deserto.* Acabamos de mencionar a "visão no deserto", de Lehi. Essa simbologia, nos escritos de Nefi, já foi examinada à luz das verdadeiras condições do deserto, anteriormente, mas nunca comparada com o rico simbolismo do deserto nos escritos apócrifos, tanto judeus como cristãos — o que não causa surprêsa, uma vez que o Livro *Lehi in the Desert* apareceu antes que os pergaminhos do Mar Morto tivessem sido publicados. Considere-se a súplica de Nefi:

"Ó Senhor, não me . . . para que eu possa andar no caminho do vale baixo, para que eu seja firme no caminho plano!

"Ó Senhor, rodeia-me Tu com a túnica da tua justiça. Ó Senhor, prepara para mim um caminho para que eu possa escapar aos meus inimigos. Endireita o meu caminho diante de mim. Não ponhas em meu caminho uma pedra para que eu tropece, mas limpa-o na minha frente e não obstruas a minha estrada, mas sim a dos meus inimigos." (2 Nefi 4:32-33.)

É um retrato perfeito do deserto — o vale baixo, a estrada plana, a fuga de inimigos implacáveis, o grande xeque envolvendo com a franja de seu manto (kuffeh) o ombro de um suplicante ajoelhado, em sinal de proteção, a passagem aberta e as pedras de tropêço — mas é também autêntico simbolismo apócrifo. Da mesma forma que em *Ben Sirach*: "Seus caminhos são planos para o inocente; porém antepõem pedras de tropêço ao ofensor."[33] Sirach vê na perigosa jornada através do deserto a mais representativa imagem da dependência do homem em relação a Deus, assim como Nefi.[34]

O último descreve os que se afastam como sendo "desviados para largos caminhos, para que pereçam e se percam."[35] Em nossos tempos, as estradas mais largas são as mais seguras, mas o mesmo não sucedia no deserto. Na literatura popular egípcia dos dias de Lehi "tornou-se ensinamento muito comum", de acôrdo com H. Grapow, "que um homem nunca devia afastar-se do caminho reto . . . mas ser honesto, não associar seu coração com os injustos, nem trilhar os caminhos da iniquidade."[36] Recentemente, Couroyer demonstrou que havia na verdade uma íntima ligação entre êste conceito egípcio e os ensinamentos sôbre o modo de vida em Israel, ambos brotando de uma mesma tradição literária.[37] "Nós nos afastamos do caminho da verdade", diz *Sabedoria de Salomão,*". . . e vagamos através de desertos sem estradas, mas o caminho do Senhor não conhecía-

O Háram Esh Sherif com o portal dourado visto do Jardim do Getsêmane

mos."[38] Esta é exatamente a lição da Liahona:

"Eis porque êles ficaram no deserto e não encontraram um caminho direto ... mercê das suas transgressões." (Alma 37:42.)

Lehi, num "deserto escuro e tenebroso (1 Nefi 8:4), encontrou uma maravilhosa árvore (v. 10) e próximo a ela "um rio" (v. 13), em cuja nascente viu os membros justos de sua família parados, como que a considerar para onde prosseguir dalí (v. 14); êle convidou-os a juntarem-se a êle na árvore (v.15) e também chamou a Laman e Lemuel, mas recusaram-se a ir. (vs. 17-18.) Enquanto que alguns chegaram à árvore agarrando-se a uma barra de ferro, "muitos se afogaram nas águas do rio; e muitos desapareceram de sua vista, vagando por caminhos desconhecidos. (v. 32.) Os membros obedientes da família encontraram tanto as águas como a árvore da vida. A árvore e a água são freqüentemente mencionados ao mesmo tempo, pela simples razão que no deserto os dois necessàriamente ocorrem juntos. (Confronte-se com o primeiro salmo de Davi.)

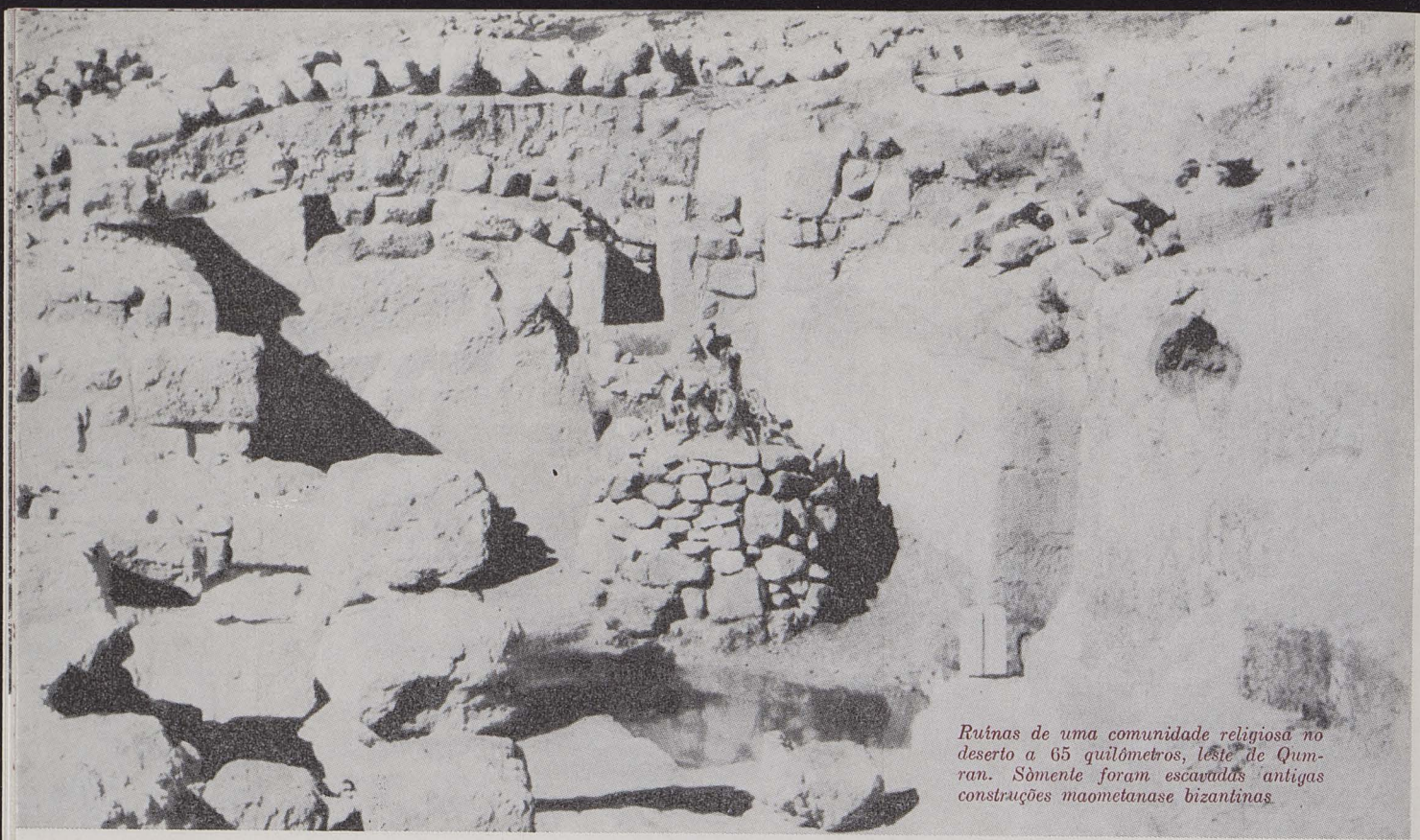
O apêlo de Lehi a seus filhos deve ter soado como o de *Odes de Salomão*: "Vinde e tomai da fonte viva do Senhor ... Vinde, e bebei, e descansai perto da fonte do Senhor!"[39] "... aquêle que recusar a água não viverá!" diz o *Fragmento Zadoquita.*[40] "Eu via fonte da retidão", afirma *I Enoque*, falando de *sua* visão, "e ao redor dela havia muitas vertentes de sabedoria, e todos os sedentos beberam delas e foram saciados ... Mas ai de vós que ... abandonastes a fonte da vida!"[41] *Hinos de Ação de Graças*, dos pergaminhos do Mar Morto, refere-se freqüentemente ao conhecimento de Deus como uma fonte e declara que apenas os humildes e submissos de coração e contritos de espírito partilham dela.[42] Êste tema é fortemente enfatizado na história de Lehi, em que aquêles que partilham do fruto são escarnecidos por sua humildade. (1 Nefi 8:25-28.)

Agua impura. Na imagem rio-e-árvore o destaque é por vêzes dado ao fruto, por vêzes à água. Nefi oferece uma interpretação especial da última, quando declara que seu pai deixara de notar que água do rio era imunda e que representava "as profundidades do inferno." (Ibid., 15:26 em diante, 12:16.)

"Esta era uma imagem típica do deserto," escrevemos alguns anos atrás, "uma devastadora torrente impura que leva destruição a campos inteiros."[43] A mesma imagem curiosa e desagradável é encontrada em *Odes de Salomão*: "Grandes rios são o poder do Senhor e carregam impetuosamente aquêles que o desprezam: e confundem seus caminhos; e destroem suas passagens e apanham seus corpos e destroem-lhes a vida."[44] Os tolos, que recusam conselho, são arrastados nos destroços da enchente.

A obra *Hinos de Ação de Graças* emprega a mesma imagem de inundação em sentido diferente, porém correlato — a vaidade do mundo é a torrente; "o caminho dos príncipes dêste mundo" é uma torrente de águas tão confusa que traz apenas ruína e seca ràpidamente.[45] O antigo registro cristão *Atos de Tomé* põe em contraste a água pura e perene com a torrente sazonal suja; a fonte de Deus "nunca sendo impura e seu curso nunca deixando de existir" é a "nascente límpida que jamais seca, a fonte pura que não se polui."[46]

Na obra *Hinos de Ação de Graças* a alma que se recusa a



Ruínas de uma comunidade religiosa no deserto a 65 quilômetros, leste de Qumran. Sòmente foram escavadas antigas construções maometanase bizantinas.

beber da "Fonte da Vida, mesmo que ela (vida ou água) perdure eternamente", torna-se "como . . . caudais de inundação, pois entornam sua lama sôbre mim."[47] Novamente a água imunda. O *Fragmento Zadoquita* diz que os falsos mestres de Israel administram ao povo "águas de falsidade", em oposição às águas da vida:

". . . levantou-se o "homem de escárnio," que verteu (ou pregou) sôbre Israel "águas de falsidade" e "fê-los transviar-se num deserto sem estrada", "provocando orgulho eterno (ou vaidade mundana) para amesquinhá-los, voltando as costas às veredas da retidão . . ."[48]

Não são apenas as imagens, mas a combinação de imagens que chama a atenção aqui. Recordemo-nos que Nefi viu que "muitos se afogaram nas águas do rio (de água imunda); e muitos outros desapareceram de sua vista, vagando por caminhos desconhecidos." (1 Nefi 8:32.) Essa peregrinação, explica êle, foi resultado direto da "atitude de mofa" (v. 27) das pessoas da casa rica, que representavam "a vaidade do mundo." (Ibid., 11:36.)

Escárnio, águas imundas, vaidade mundana e extravio no deserto são uma estranha combinação, mas a coincidência é explicada pela tradução de Rabin, que foi aqui apresentada; nela, pràticamente cada frase é colocada entre parênteses, porque quase tôdas as frases são, na verdade, uma citação da Bíblia ou (usualmente) de algum apócrifo antigo.

O autor de *Hinos de Ação de Graças,* que também é um genuíno poeta e pregador inspirado por recursos próprios, extraiu a totalidade de seu material de antiquíssimas fontes judaicas, muitas das quais desaparecidas de há muito. Descrevendo um falso profeta astucioso, de seus próprios dias, o autor emprega linguagem de velhas Escrituras, de comêço a fim.

Êste traço peculiar dos pergaminhos de Mar Morto, dos quais o *Comentário de Habacuque* tornou-se exemplo clássico, é extremamente característico do Livro de Mórmon, em que Nefi "interpretava tôdas as escrituras para *nossa* utilidade e instrução." (Ibid., 19:23. Itálico do autor) O simbolismo de Nefi reaparece novamente em *Baruque*: "Vós vos tendes esquecido da fonte da sabedoria e desviado dos caminhos de Deus;"[49] e numa impressionante passagem do *Talmude,* em que o rabino Isaque diz — "Far-vos-ei uma comparação: Existiu certa vez um homem errante, faminto, cansado e sedento, no deserto, e chegou a uma árvore com belos frutos e sombra, ao lado de um curso d'água etc."[50]

O recém-descoberto *Apocalipse de Elias* relata como os justos são conduzidos a um lugar onde "podem comer da Àrvore da Vida e vestir uma túnica branca . . . e nunca ficarão sedentos."[51] Nestes exemplos a árvore e a água aparecem juntas. Duas coisas tão extraordinárias que a imaginação não pode conceber são, de acôrdo com *Atos de Tomé,* "o alimento incorruptível da árvore da vida e o gole da água da vida."[52]

Um aspecto estranho da árvore no Livro de Mórmon é sua perfeita brancura (1 Nefi 11:8) e a de seu fruto. (Ibid., 8:10 em diante.) A brancura não é uma qualidade apetitosa em árvores ou frutos. É, portanto, impressionante ler no *Apócrifo da Criação* que apesar de a árvore da vida assemelhar-se a um cipreste, seus frutos são perfeitamente brancos.[53]

Por vêzes o simbolismo parece tornar-se extraordinàriamente confuso no Livro de Mórmon, como

em Helamã, 3, do versículo 29 em diante:

" . . . quem quer que deseje pode *agarrar-se* à palavra de Deus, que é viva e poderosa para *destruir* todos os artifícios, *armadilhas* e enganos do diabo e guiar o homem de Cristo no caminho reto e *estreito* através daquele *precipício* . . .

"E *levar* suas almas . . . à *mão direita* de Deus, no reino do céu, para *sentar-se* com Abraão, Isaque, Jácó . . . e jamais se separarem." (Itálicos do autor.)

Temos aqui em uma única sentença a imagem da tábua de salvação ("agarrar-se"), da espada (destruir), das redes, do caminho, do vale, do mar, do trono e do reino. Tudo isto pode parecer-nos pouco estético e exagerado, mas é típico. Tome-se como exemplo êste excerto de um importante apócrifo atribuído a João:

"Vinde, vinde a mim! Eu sou o pastor, cujas ovelhas logo vêm ... Quem não ouvir meu chamado sossobrará . . . Eu sou o pescador . . . vinde, eu vos livrarei dos pássaros imundos. Eu salvarei meus amigos e os trarei ao meu navio. Vesti-los-ei com túnicas de glória e luz preciosa . . ."[54]

Incidentalmente, a expressão de Helamã "agarrar-se à palavra de Deus," conquanto nos recorde a barra de ferro, é também uma expressão autêntica. Mórmon deseja que "agarremo-nos ao evangelho . . ." (Mórmon 7:8) e cinco vêzes Moroni fala de agarrarmo-nos a tôdas as coisas boas.[55] O *Documento Zadoquita* deplora a recusa de Israel em "segurar as instruções", como o traduz Rabin, salientando que a expressão é encontrada em outros antigos apócrifos judaicos;[56] e conclama o povo a "segurar-se no caminho de Deus," outra expressão encontrada nos apócrifos.[57]

Os profetas esquecidos. O Livro de Mórmon refere-se repetidamente a uma linha de profetas de que ninguém jamais ouviu falar nos círculos judaicos ou cristãos — tais como Zenos, Zenoque e Neum. Êsses profetas não eram nefitas, mas "profetas da antiguidade", na Palestina. (Alma 33:3.) (Existem breves notas biográficas a respeito de alguns dêles, através das quais podemos ver que tipo de homens eram e o que fizeram; também nos são apresentados extensos excertos de seus ensinamentos, para que conheçamos a tradição religiosa que representam. O que todos tinham em comum era uma evidente insistência na pregação da vinda do Messias, pelo que incorreram na ira de certas facções entre os judeus, sendo freqüentemente obrigados a fugir para o deserto com seus seguidores, a fim de levar a efeito o que consideravam uma versão mais honesta e pura da religião de Moisés e dos profetas.

Lehi é expressamente incluído nesta linha de profetas messiânicos:

" . . . houve muitos profetas que afirmaram essas mesmas coisas; sim, eis que o profeta Zenos intrèpidamente deu testemunho; . . .

" . . . também Zenoque, Ezias, Isaías e Jeremias, . . .

"Nosso próprio pai Lehi foi expulso de Jerusalém porque afirmou estas coisas . . ." Helamã 8:19-20, 22.)

Lehi, suprido com "sementes de tôda a espécie" (ver 1 Nefi 8:1), esperava encontrar a comunidade religiosa a que pertencia seguindo os moldes de Jonadab ben Rechab e outros que haviam saído antes dêle.[58]

Hoje, naturalmente, isto tudo sugere de imediato a comunidade Qumran e outras semelhantes de piedosos judeus sectários.

Aspecto essencial da trama são as maquinações de falsos profetas de uma certa espécie, que representam papel de destaque tanto no Livro de Mórmon como nos apócrifos recém-descobertos. Por exemplo, aquêles falsos mestres que enchiam os judeus com as águas impuras de falsas doutrinas são descritos como intelectuais astutos e retóricos habilidosos — é surpreendente a freqüência com que suas "palavras aduladoras" são responsabilizadas pelo desvio de Israel.[59] No *Fragmento Zadoquita*, são acusados de haver "removido o marco que seus antepassados haviam estabelecido para sua descendência[60] e existe uma solene advertência a "todos os membros do convênio que quebram os preceitos da lei," ou atravessam o marco.[61]

O apócrifo cristão *Evangelho da Verdade* declara que Israel cai em êrro quando começa a buscar o que está além do marco.[62] Com que clareza Jacó aborda êste ponto no Livro de Mórmon, quando descreve a forma pela qual os astutos judeus "desprezavam as palavras elucidativas e matavam os profetas, e procuravam coisas que não podiam compreender. Portanto, devido à cegueira que lhes veio por olhar para além do marco, deverão cair..." (Jacó 4:14.)

Um dos aspectos mais interessantes do Livro de Mórmon é a inclusão de longas palestras de habilidosos sofistas, que empregam tôda uma coleção de argumentos contra o evangelho, com experiência e grande sucesso. É difícil para um filósofo, hoje, encontrar qualquer coisa de nôvo que adicionar aos argumentos de Sherem, Corior, Zeezrom ou Neor.

Mas tais argumentos não são típicos de uma era posterior àquela em que o pensamento grego havia-se infiltrado no Leste? Realmente são, mas sua história indica claramente a fonte. A separação entre racionalistas e crentes, que atravessa o Livro de Mórmon por inteiro, da primeira à última página, é o que Goodenough denomina o perene conflito, no judaismo, entre os tipos de religião "horizontal" e "vertical", ou seja, entre a religião confortável e convencional, de fórmulas e observâncias, em oposição a uma religião de revelações, sonhos, visões e constante consciência da realidade do outro mundo e da pobreza do presente.[63]

Denominamos a isto conflito entre o "sófico" e o "mântico" que remonta aos primeiros registros da Grécia e do Oriente,[64] mas atingiu seu clímax no período imediatamente posterior a 600 AC, ao qual os estudiosos denominaram "Período Axial", porque preparou caminho para a história intelectual do homem, desde então.

O conflito entre êsses dois conceitos de vida e religião inflamou-se naquela época, em que a velha ordem sacra se enfraquecia pela corrupção, guerras e imigrações e era atacada por um nôvo ceticismo e racionalismo que de repente tornou-se audacioso e declarado.[65] Esta controvérsia febricitante, durante o reinado de Zedequias, foi transportada para o Nôvo Mundo na bagagem de Lehi e Muleque e em nenhum outro lugar é mais vìvidamente descrita que nas páginas do Livro de Mórmon. Ela se inicia

com Lamã e Lemuel; os perfeitos expoentes da tolerante "religião horizontal", com sua preocupação pela observância minuciosa da Lei e seu extremo desprêzo por profetas visionários que falavam dos julgamentos por vir.

"E tu és como nosso pai, que se deixa levar pelos impulsos loucos de seu coração;

"E sabemos que o povo que estava em Jerusalém era um povo justo, pois que guardava os estatutos e decisões do Senhor e todos os seus mandamentos, de acôrdo com a Lei de Moisés; sabemos, portanto, que era um povo justo e nosso pai os julgou . . ." (1 Nefi 17:20, 22.)

Êste assunto está claramente delineado e continua até hoje. Incidentalmente, a fórmula "estatutos, julgamentos e todos os seus mandamentos," redundante o quanto nos possa parecer, é muito característica dos pergaminhos do Mar Morto, onde os três são constantemente mencionados juntos, quase nunca aparecendo um dêles sòzinho.[66]

Doze vêzes o Livro de Mórmon menciona o profeta Zenos, depois de Isaías a figura profética do Velho Mundo de maior preminência em suas páginas. O povo de Lehi havia trazido seus escritos de Jerusalém e eram evidentemente populares, uma vez que profetas que viveram centenas de anos depois ordenavam aos nefitas lembrar-se daquilo que haviam lido em suas palavras. (Alma 33:3; confronte-se com Jacó 5:1.) Como, admirar-se-ia alguém, um profeta importante como Zenos, se é que jamais existiu, poderia simplesmente ter desaparecido sem deixar vestígio, na Bíblia ou em qualquer outro lugar? É exatamente esta a pergunta que se vem fàzendo hoje a respeito de certos profetas agora redescobertos nos pergaminhos do Mar Morto.

De um dêsses escreve J. Danielou: ". . . entre os grandes profetas do Velho Testamento e João Batista, êle surge como um nôvo elo . . . uma das grandes figuras da tradição profética de Israel. É espantoso que tenha permanecido ignorado por tanto tempo. Agora que o conhecemos, surge a questão de o que fazer com êsse conhecimento ... Por que esta mensagem não faz então parte das Escrituras inspiradas?"[67] Esta pergunta foi suscitada pelo fato, salientado por Danielou, de que o profeta em questão indubitàvelmente profetizou a vinda do Messias muitos antos antes dêsse evento. Portanto, temos aqui um profeta importante, que predisse a vinda de Cristo, completamente perdido para o mundo cristão e judaico.

Freqüentemente tem-se salientado que os escribas e fariseus do Nôvo Testamento, os legítimos descendentes dos "judeus de Jerusalém" a quem Nefi censura com tanta freqüência, após terem perseguido o Senhor e os apóstolos, determinaram-se também a erradicar qualquer traço do pensamento apocalíptico judeu.[68] Eis porque a linha de profetas messiânicos desapareceu.

A julgar pelos pergaminhos do Mar Morto, êles estavam ìntimamente associados com a linha sacerdotal de Zadoque — "os sacerdotes que permaneceram fiéis ao convênio" — que também foi suprimida.[69] Um nome importante na tradição zadoquita era o de Enos, outro profeta desaparecido; um dos primeiros profetas nefitas também tinha aquêle nome.[70] Seria Zenes ou Zenos, cujas palavras apareciam em alguns fragmentos publicados pela primeira vez em 1893, o mesmo Zenos de nosso Livro de Mórmon?[71] Pelo menos os nomes podem ser agora confirmados, como também a existência de uma linha de profetas suprimida e o fato de que profetas muito grandes desapareceram totalmente, devido a seus ensinamentos messiânicos. Consideremos o caso de Zenos. (continua)

NOTAS

33. *Ben Sirach*, 39:24.
34. Iid., 34: 11-17.
35. 1 Nefi 12:17; confronte-se com 8:32.
36. H. Grapow, *Die Bildlichen Ausdrücke des Aegyptischen* (Leipzig, 1924), páginas 94 em diante.
37. R. P. B. Couroyer, "Le Chemin de Vie en Egypte;et em Israel" *Revue Biblique* ,56 (1949) páginas 293-411.
38. *Zabedoria de Salomão*, 5:6 em diante.
39. *Odes de Salomão*, 30:1.
40. *Convênio de Damasco* (*Fragmento Zadoquita*), 3:16.
41. Enoque, 96:6.
42. *Thanksgiving Hymns*, 18:14 em diante.
43. H. Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, pág. 225.
44. *Odes de Salomão*, 39:1.
45. *Thanksgiving Hymns*, 8:1-120.
46. *Atos de Tomé*, 25 e 29. Na seção anterior, a melhor interpretação da palavra siríaca é "sujo", uma vez que *ka-irah* significa tanto turbulento, barrento, como malcheiroso.
47. *Hinos de Ação de Graças*, 8:15; T. H. Gaster, *The Dead Sea Scriptures* (Nova Iorque: Doubleday Anchor, 1957), p. 166.
48. Rabin, *The Zadokite Documents*, pág. 4; *Damascus Document*, 1:15.
49. *Livro de Baruque*, 3:13 em diante.
50. *Tanith*, após 5b-6a.
51. *Apocalipse de Elias*, 21:8.
52. *Atos de Tomé*, 36.
53. *Apócrifo da Criação* (Labib), 15 8:16.
54. *Mandaean Book of John*, c. 36 ed. Lidzbarski (Giessen, 1915), II, 144 em diante.
55. Moroni 7:19, 20, 21, 25; 10:30.
56. Rabin. *op. cit.*, pag. 22.
57. Ibid., p. 40.
58. Veja H. Nibley, *An Approach to the Book of Mormon*, págs. 127-9.
59. Como em *Hinos de Ação de Graças* e *Comentário de Habacuque*, veja notas abixo.
60. *Documento de Damasco* (*Fragmento Zadoquita*) 1:16.
61. Ibid., 20B: 25 em diante.
62. *Evangelho da Verdade*, após xi, linha 24.
63. Goodenough *op. cit.*, I, 17-19.
64. Antiga literatura babilônia oferece uma boa ilustração: W. G. Lambert, *Babylonian Wisdom Literature* (Oxford, 1960), págs. 4-19.
65. W. Jaeger, *Paideia* (New York: Oxford University Press, 1943), I.
66. Como em Alma 58·40, "...guardar seus estatutos, julgamentos e seus mandamentos continuamente, e Helamã 3:20. Apesar de "estatutos e julgamentos" aparecer muitas vêzes combinados em Deuteronômio, a maior partes dos "estatutos', no Velho Testamento, ocorre só. No Livro de Mórmon (onde aparece 13 vêzes) e nos pergaminhos do Mar Morto, no entanto, palavra nunca ocorre sòzinha.
67. J. Danielou, *The Dead Sea Scrolls and Primitive Christianity* (Nova Iorque: Mentor Omega Books, 1958), páfg. 81.
68. Como o conseguiram é bem demonstado em Goodenough, *op. cit.*, I, 20-21.
69. *Convênio de Damasco*, iv, 2; *Pergaminho da Batalha*, iii, 20 em diante.
70. Enos é o nome que João Batista deu a si mesmo; é analisado por R. Eisler, *Jesous Basileus*, II, 26, 36, 42, 76, 107 etc. De acôrdo com a tradição judaica, João Batista era tetraneto de Zadoque, que por sua vez era tetraneto de Zadoque, Tha'labi.
71. Sob o título Visio Zenez (Kenaz), o fragmento aparece em M. R. James, *Apocrypha Anecdota*, Texts and Studies (Cambridge), II, 3 (1893), 179. O fato de que êste Zenes é o pai de Otoniel coloca-o bem dentro da tradição Qumran.

O Lar é a Solução

Um lar estabilizado, no qual a instrução religiosa tenha parte destacada, é a única resposta real à delinqüência juvenil.

É o consenso da opinião dos eruditos que levaram a efeito um sério estudo das causas e da prevenção da delinqüência.

Êstes eruditos dizem que tanto os pais como os filhos devem ser ensinados como viver juntos como família: seu lar deve ser centralizado em Deus, e deve estar associado à uma igreja que proporcione um enaltecedor programa de edificação do caráter para a juventude.

Êles relacionam duas espécies de lares: um que produz a delinqüência, e outro que raramente tem problemas juvenis.

O pobre lar no qual a delinqüência grassa é descrito como aquêle onde não há um genuíno amor entre o pai e a mãe, nem entre os pais e os filhos; nenhuma rotina regular em casa, nenhum preparo, nenhum planejamento; nenhuma hora fixa para as refeições, sem hora para vir para casa, ou para fazer as tarefas de casa, nem para ir para a cama; nenhuma disciplina ou regras de conduta; nenhuma atividade de grupo, pouca ou nenhuma instrução religiosa e moral.

UM LAR ASSIM usualmente tem pais que bebem ou que dão álcool aos seus próprios filhos em casa; pais que brigam, mesmo na presença dos filhos; que tomam partido, embebedam-se, que são freqüentemente mentirosos, desonestos, descuidados com os pagamentos das suas contas, não dão instruções financeiras aos seus filhos, não proporcionam companhia para os filhos, não têm respeito por assuntos religiosos.

J. Edgar Hoover, destacado chefe do FBI, explicou que a delinqüência juvenil raramente procede, se procede, de lares nos quais:

"1 — Os pais procurem compreender seus filhos e achar tempo para cultivar a amizade e o amor dêles.

"2 — Pais íntegros que encarem os fatos e vivam pela verdade.

"3 — Pais que vivam dentro das suas posses e dão aos filhos exemplo de parcimônia, segurança e estabilidade.

"4 — Pais industriosos que ensinam aos seus filhos que a maioria das boas coisas da vida vem sòmente do trabalho árduo.

"5 — Pais que tem metas de valor na vida e que procuram fazer com seus filhos se juntem a êles na sua realização.

"6 — Pais que têm senso comum, capacidade de fazer amizades e um senso de humor.

"7 — Pais que vivem em harmonia um com o outro e não brigam na presença dos filhos.

"8 — Pais que têm ideais e um forte desejo mais de servir do que ser servidos.

"9 — Pais que são inabalàvelmente leais aos seus próprios filhos, mas que podem expressar uma justa indignação e castigá-los quando necessário. (O velho 'Poupe a vara e estrague a criança' é tão válido atualmente quanto sempre o foi.)

"10 — Pais cujas decisões são controladas, não pelo que os seus filhos desejam, mas pelo que precisam."

Não há dúvida nas mentes dos eruditos de que na maior parte, a delinqüência ou a liberdade dela é um resultado do ambiente do lar. Os peritos dizem que as crianças não nascem criminosas, nem parasitas mimados. São tornados assim pelo ambiente em que vivem.

E as crianças não nascem damas ou cavalheiros, honestos, dignos e limpos, mas tornam-se assim por virtude da instrução.

Esta espécie de pensamento faz mais persuasivo que nunca o decreto proferido pelo Senhor na seção 68 de Doutrina e Convênios:

"E novamente, se em Sião ou em qualquer de suas estacas organizadas, houver pais que, tendo filhos, não os ensinarem a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo o filho do Deus vivo, e do batismo, e do dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade, sôbre a cabeça dos pais seja o pecado.

"Pois será lei para os habitantes de Sião, ou para os de qualquer de sua estacas organizadas.

"E quando alcançarem os seus filhos os oito anos de idade, deverão ser batizados para a remissão dos seus pecados, e receberão a imposição das mãos.

"E êles também ensinarão os seus filhos a orar e a andar em retidão perante o Senhor."

"A família é considerada pelos sociólogos e assistentes sociais como a instituição básica da sociedade. Desempenha papéis fundamentais no desenvolvimento e na integração da personalidade. Protege as funções humanas básicas e provê oportunidades de satisfação das necessidades humanas básicas."

UM EDU

As cerimônias de casamento e os costumes variam de lugar para lugar e de época para época. Na comunidade dos santos dos últimos dias o ideal é o casamento no templo. Êsses casamentos, realizados por quem tem autoridade, ajudam os casais e alcançarem maior felicidade nesta vida, e uma posição apropriada na vida vindoura.

As pesquisas indicam que a porcentagem de santos dos últimos dias que agora estão se casando nos templos é maior que nunca na história da Igreja. Harold T. Christensen e Kenneth L. Cannon, que estudaram 5.300 casamentos no Utah, entre 1905 e 1951, observaram que durante os anos de 1905-1907 sòmente 29,6 por cento dos casamentos realizados eram feitos nos templos. Em contraste, no período de 1949-51, 49,2 por cento se casaram num dos templos. Hoje, em algumas estacas mais de dois terços dos jovens se casam nos templos.

Vários estudos indicam que aquêles que se casam no templo são mais bem sucedidos no casamento que aquêles que não o são. Em 1945, o Pres. McKay revelou que durante o período de 1920 a 1922 havia um divórcio para cada 38,24 casamentos, entre casais casados no templo ou pelas autoridades da estaca ou da ala; no mesmo período havia um divórcio em cada 13,20 casamentos realizados por oficiais do registro civil. Nos anos de 1938 a 1940 havia um divórcio para cada 26,61 casamentos entre casais casados nos templos ou por autoridades da estaca ou da ala e um divórcio para cada 10,13 dos casados pelas autoridades civis.

Em 1940, quando a taxa de divórcios nos Estados Unidos era de um divórcio para cada seis casamentos, Êlder Richard L. Evans relatou as seguintes estatísticas sôbre casamentos e divórcios: Um divórcio em cada 9,7 casamentos civis, um divórcio em cada 27,0 casamentos nos templos; um divórcio para 17,8 de todos os casamentos.

Em janeiro de 1952, o Dr. John A. Widtsoe citou um estudo concernente ao divórcio em três áreas da Igreja. Foram usados os casamentos realizados nas área dos templos de Salt Lake City, St. George e Arizona em 1936. As pesquisas forneceram dados sôbre: 1 — pessoas casadas nos templos; 2 — pessoas casadas fora dos templos, porém por autoridades civis. Os cômputos mostram que, dentre os casados no templo, sòmente 6,4 por cento dos casais se divorciaram num período de 15 anos. Entretanto, dentre os casados fora do templo, por autoridade da ala e da estaca, houve aproximadamente duas vêzes e meia mais divórcios, ou 15,6 por cento. Entre os casados pelas autoridades civis, "o número subiu a três vêzes o número dos casados, nos templos, ou seja, 19,4 por cento."

Christiansen e Cannon, em seu estudo sôbre 5.157 casamentos realizados em Utah, entre 1949 e 1951, descobriram que após dez anos de casamento, as seguintes estatísticas eram significativas: 1 divórcio em 7 casamentos entre os casados por autoridades civis; 1 divórcio em 10 casamentos entre os SUD casados por autoridades SUD em cerimônias civis; 1 divórcio em 55 casamentos realizados nos templos.

O fato de que os casamentos nos templos resultam em menor número de divórcios foi comprovado nos estudos de casamentos realizados desde a década de 1920 até os primeiros anos da década de 1950. Um estudo dos casamentos realizados nos templos em 1960 seria prematuro pela razão óbvia de que não houve ainda tempo suficiente para validar os fatos. Os estudos mostram claramente que, década após década, os casamentos nos templos produzem menos divórcios; e estudos incompletos sôbre o ano de 1960 parecem revelar a mesma história: os casamentos nos templos são mais bem sucedidos!"

Um exame cuidadoso dos casamentos realizados no templo indica diversos fatôres significativos que ajudam a explicar as razões das estatísticas sôbre casamentos e divórcios serem favoráveis:

1. *O casamento no templo demanda preparo*, o que ajuda a evitar casamentos apressados. Milhares de jovens casam-se com pouco ou nenhum preparo e depois se admiram de tão cedo se desataram os laços do casamento. Aquêles que se casam no templo levam algum tempo preparando-se e prevenindo-se para essa cerimônia especial.

Uma ilustração clássica do costume de se precipitar no casamento foi descrita, há muitos anos atrás no Condado de Los Angeles, quando a lei exigia que o casamento fôsse anunciado com uma antecipação de 72 horas. Dentro do prazo de um ano, mais de mil casais requereram licença de casamento e depois não realizaram o casamento. Noutras palavras, no prazo de três dias, mais de mil pessoas mudaram de idéia a respeito do casamento. O casamento no templo geralmente evita precipitações e incertezas.

2. *Um grupo selecionado de pessoas casa-se no templo.* Essas pessoas são seletas pois devem estar vivendo o evangelho a fim de receberem uma recomendação para o templo. Aquêles que põem em prática o evangelho tem uma maneira de viver mais amadurecida. O casamento no templo é seletivo porque o jovem não pode ir ao templo antes de ser ordenado élder no Sacerdócio de Melquisedeque, e não pode ser ordenado élder antes de ter participado ativamente na Igreja durante um certo período, e ter vivido em conformidade com os ensinamentos básicos da Igreja. A noiva também, precisa ser um exemplo vivo dos preceitos da Igreja. Novamente, êsses ensinamentos são conducentes à uma vida bem sucedida, tanto para o indivíduo quanto para a família.

3. *O casamento no templo requer um "longo período de observação".* As pessoas que se casam no templo

UCADOR OBSERVA OS CASAMENTOS NO TEMPLO

por Rex A. Skidmore, Doutor em Filosofia

pensam no passado, no presente e no futuro, entrelaçando-os em sua própria filosofia de vida. Os casais que se casam para o tempo e a eternidade, tendem a considerar mais cuidadosamente suas relações e o que está à frente, que aquêles que se casam apenas para o tempo.

4. *Aquêles que se casam no templo podem esperar ser casados num lugar belo e sagrado.* Cada templo é, realmente, um lugar adorável e sagrado. A ornamentação é singela, e a simplicidade e a beleza das salas, nas quais têm lugar os casamentos, não podem ser ultrapassadas. Unidas à autoridade do sacerdócio, que as corrobora, tal união entre duas pessoas que realmente se amam e se consideram, é de grande significação.

5. *O casamento no templo salienta os valores básicos e as responsabilidades da vida.* O encorajamento que dá ao casal para ter filhos é proeminente entre estas responsabilidades. Os noivos são convidados a tornarem-se sócios de Deus na tarefa de trazer filhos ao mundo e de promover um ambiente de amor que as ajudará a desenvolverem-se física, mental, social e espiritualmente.

Muitos estudos levados a efeito por sociólogos revelaram que, quando um casal tem filhos considera a vida mais vantajosa e desafiadora. Os pais que se dedicam a ajudar, amar e orientar seus rebentos estão vivendo amadurecidamente, o que por sua vez traz satisfação interior bem como um ambiente favorável ao crescimento e ao desenvolvimento dos filhos.

6. *Os demais princípios cardeais ensinados pela cerimônia do templo podem transformar-se em valiosas linhas mestras para uma vida com propósito e para um casamento bem sucedido.* Por exemplo, um princípio básico do evangelho é a importância de amar e de dar, sendo ambos essenciais a um casamento amadurecido.

O amor expontâneo e sem egoísmo é absolutamente necessário para um casamento feliz. Essa espécie de amor está em harmonia com o modêlo de Cristo, que põe em relêvo o amor a si mesmo, ao próximo e a Deus.

Harry Stack Sullivan, eminente psiquiatra, define o amor da seguinte maneira: "Quando a satisfação ou a segurança de uma outra pessoa torna-se tão significativa para nós como a nossa própria satisfação e segurança, então o estado de amor existe."

A essência das genuínas relações amorosas é dar-se a si mesmo, é a disposição de caminhar a milha extra em benefício de outrém e do casal. Essa espécie de amor é o alicerce de casamento no templo bem sucedido.

O Dr. William C. Menninger, discutindo a evolução do amor, disse: "No casamento, para sermos bem sucedidos, temos que mudar da situação de apaixonados para de estarmos realmente amando. A situação de apaixonado é maravilhosa, mas um tanto egoísta. É egocêntrica — êle (ela) é um rapaz (môça) tão bonito porque me faz tão feliz. Era essa, em parte, a nossa motivação inicial quando nos apaixonamos e nos casamos.

"Mas o crescimento e a evolução do amor é realmente caracterizado pelo reverso — amar, a despeito da descoberta de diferenças um no outro, falhas recíprocas, desapontamentos inevitáveis e frustrações frequentes.

"Mudar do nosso estado de apaixonados para chegar a amar, realmente, implica em mudar de receber para dar, e algumas vêzes de dar para resignar-se."[5]

7. *O casamento no templo é uma experiência positiva porque proporciona metas, idealismo com propósito e significado para a vida.* Neste mundo incerto em que a juventude é pressionada e se debate de várias maneiras, há necessidade de metas e de significado na vida. Como o Dr. D. B. Klein indicou no seu livro "Mental Hygiene", a espiritualidade e a religião podem ser como bandeiras de um campo de golf, que orientam e dirigem àqueles que jogam a partida. Gente jovem precisa de bandeiras e de metas para ajudá-los ao longo do caminho. As escolhas são importantes em tôda parte. Uma decisão correta pode mudar tôda a vida de uma pessoa para o bem ou para o mal. Propósitos espirituais e idealismo, exemplificado e retratado no templo, preenchem as necessidades básicas de maneira positiva.

8. *O casamento no templo afirma a santidade e a privacidade da família.* Isto apóia o conceito de que a família do indivíduo é um reino em si mesma, e se ressente da intrusão do que é injustificável ou desnecessário. O casamento no templo desafia os seus participantes a edificarem suas famílias como a unidade básica no reino de Deus, para o tempo e a eternidade. A cerimônia ajuda os casais a compreenderem e a lutarem pela perfeição das relações humanas — marido e mulher, pai e filho, etc., O lar é considerado como o santuário particular daqueles a quem pertence, no qual as relações humanas e sociais mais íntimas podem ser criadas, nutridas e desenvolvidas.

Uma experiência de um missionário SUD na Inglaterra ilustra muitas das razões pelas quais o casamento no templo é tão significativo e desafiador. Foi convidado a assistir uma cerimônia tradicional de casamento numa bela igreja, com a música e a pompa costumeiras. A noiva estava adorável em seu vestido branco de rendas; o noivo estava ansioso e sério. À medida que o cortejo caminhava pelo corredor em direção ao altar, todos os presentes tinham um sentimento de respeito e admiração. Enquanto o ministro procedia à cerimônia, o missionário sentia que estava diante de uma experiência pouco comum, até que o ministro disse: "Pela autoridade que possuo, eu vos uno como marido e mulher *até que a morte vos separe.*" Essas

(*Continuação da página* 26)

(*Cont. da pág.* 7)

Educando crianças...

resulta. Esta é a melhor maneira, lógico, de se assegurar que daí por diante a criança não mais confiará em seus pais. Raramente pensamos primeiramente sôbre os sentimentos da criança e como o problema afeta sua vida, pelo contrário, sentimos que nosso orgulho está ferido e a nossa reputação prejudicada. Não imagino quantos pais tem dito: "Como poderei encarar meus amigos depois disso?" *Nossos sentimentos e ações são para o nosso benefício ou para o dos filhos?*

Tornar-se pai é uma das maiores bênçãos e oportunidades da vida. Com esta bênção vem uma grave responsabilidade. O lar é a mais importante unidade em tôda sociedade, e os pais em grande parte estabelecem o espírito do lar. Nenhuma responsabilidade é maior do que criar s nossos filhos. Algumas vêzes nenhuma responsabilidade é mais difícil. Quando fazem a nossa vontade não há problema, mas quando são rebeldes e desobedientes, há problema. Algumas vêzes êste problema requer tôda paciência, compreensão e longanimidade que for possível aos pais conseguirem. Isso não segnifica que a sábia disciplina não seja necessária; pelo contrário, é absolutamente necessária.

Há pais que com efeito abandonarão um filho em dificuldades. Talvez sejam rebeldes, desordeiros e tenham causado muita dor de cabeça. Quando é que necessitam uma dose maior de amor e certeza de que nem tudo está perdido? Certamente que é quando estão em dificuldade, particularmente se for séria.

Nós pais precisamos examinar nossa reação quanto a esta crianças que se metem em encrencas. Se mostrarmos um amor verdadeiro, pensaremos primeiro nas necessidades das nossos filhos, e nas nossas por último.

Qual será o juízo pelo qual seremos julgado? Você se recorda da lição que nos foi ensinada pelo Salvador concernente ao filho pródigo, que após ter desperdiçado sua vida em devassidão, decidiu que voltaria ao lar paterno.

"E, levantando-se, foi para seu pai; e quando ainda estava longe, viu-o seu pai, e se moveu de íntima compaixão, e, correndo, lançou-se-lhe ao pecoço e o beijou.

"E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não sou digno de ser chamado teu filho.

"Mas o pai disse aos seus servos: Trazei depressa o melhor vestido, e vestí-lho, e ponde-lhe um anel na mão, e alparcas nos pés;

"E trazei o bezerro cevado, e matai-o; e comamos, e alegremo-nos

"Porque êste meu filho estava morto, e reviveu, tinha-se perdido, e foi achado..." (Lucas 15:20-24)

Num recente editorial no *Church News*, foi publicada uma carta ao editor que para mim tem grande significação nas relações entre pai e filho. Diz:

"Tinhamos passado a noite na cabana de alguns amigos no Ogden Canyon superior, e ao nos dirigirmos para casa, achamos necessário telefonar aos nossos amigos na cabana.

Por conseguinte, gastamos uma meia hora procurando telefone. Enquanto eu fazia o chamado, uma atraente jovem abordou minha espôsa sentada em nosso carro no estacionamento, e perguntou-lhe se lhe daria uma "carona" até Ogden, Utah.

"Ficamos sabendo que havia sido ofendida e amedrontada pelo seu namorado num sítio de pic-nic lá em baixo no canyon. Ela havia deixado o carro dêle e caminhado sòzinha pelo escuro canyon acima, à procura de um telefone de onde pudesse chamar alguns amigos para virem buscá-la.

"Como não havia obtido sucesso, e tornara-se mais e mais assustada, em desespêro abordara um estranho, minha espôsa, em busca de ajuda.

"No decorrer da conversa, disse que temia chamar seus pais pois êles "morreriam de vergonha" se soubessem que ela estava naquela situação.

"Disse ela: "Somos muito religiosos; será que vocês também são SUD?"

"Quando minha espôsa disse eu era bispo, ela exclamou com alívio: 'Oh, eu vim ao carro certo, não?'

"Duas ou três coisa nos impressionaram nesta experiência:

"Primeiro, a brutal coincidência de um bispo ter parado num telefone público, quase à meia-noite, no Ogden Canyon superior, e descobrir ali uma amável garota procurando ajuda.

"Segundo, e mais a propósito, impressionou-me o fato de que ela estivesse com mêdo de chamar os pais.

"Alí estava uma garota òbviamente corajosa, que ousara deixar o carro do seu namorado e caminhar pelo escuro canion acima, abordar uma estranha procurando ajuda, ma ainda sem coragem de levar ao conhecimento de seus pais os perigos que tinha passado e as suas necessidades.

"Lembrou-me de como um amigo, alguns anos atráz contou-me que havia levado suas filhas à um canto e lhes ter dito: "Quando quer que precisem da minha ajuda, onde quer que estejam, e sob quais forem as condições, tudo quanto precisam fazer é chamar-me, e eu virei a vocês.

"Disse isso à minha filha. e o resultado tem sido que tenho transportado um bocado a ela e as suas amigas de um lado para o outro, mas tenho apreciado muito isso.

"Imagino se um editorial pudesse ser escrito incentivando os pais a permitir que seus filhos saibam quanto são amados, e que estão prontos a ajudá-los sob quaiquer condições, e incentivar os filhos a confiar em seus pais, e chamá-los, quando quer que tenham necessidade de ajuda.

"Também, lògicamente, os jovens devem ser advertidos a evitar meterem-se em tais situações, em primeiro lugar." (*Church News*, 10 de setembro de 1966, p. 16)

O Dr. Dana L. Farnsworth, num artigo entitulado "Seis Regras Para os Pais que Desejam que seus Filhos Cresçam Seguros e Auto-Confiantes," diz:

"Sempre que falo a grupos de pais sôbre seus filhos adolescentes, uma queixa ocupa muito, senão a maior parte, da discussão: "Nossos filhos jamais nos contam nada!" Quando se interrompe a linha de comunicação entre pais e filhos, pode resultar a infelicidade e até mesmo a tragédia,. Por sua parte, os pais podem pensar e fazer muitas coisas erradas e assim erguer em uma barreira entre êles próprios e os filhos, que jamais poderá

(*Continua à pág.* 26)

preensão e amor por um filho difícil; estejamos certos de que o nosso Pai Celestial faria ainda mais por nós. (Veja Lucas 15:11-32).

Durante nove anos, um jovem, acidentado por um automóvel, esteve confinado numa cadeira de rodas. Seu pai, advogado, retornou à anterior atividade de professor e durante todo êsse tempo dedicou-se ao ensino do filho. O rapaz formou-se em direito e agora ambos trabalham juntos no mesmo escritório.

Êste incidente mostra-nos o que faz o amor de nosso Pai Celestial (Veja Moisés 1:39).

5. *As escrituras nos ensinam que nosso Pai Celestial nos ama*

A família deve ler em conjunto e fazer uma apreciação das seguintes referências: Mt. 10:29-31; Rm. 8:38-39.

6. *O que a família pode fazer para tornar o amor do Pai Celestial uma fôrça vital*

Para despertar nas crianças a consciência do amor de nosso Pai Celestial, sugira-lhes notarem a maneira pela qual a mãe expressa o seu amor por elas. (A mãe deve fazer o mesmo pelo pai.)

Os pais poderão compreender melhor o amor do nosso Pai Celestial demonstrando amor pelos filhos, de tôdas as maneiras que puderem (Veja I João 4:8). Respondendo-lhes cortezmente, sendo obedecidos sem ter de gritar, ensinando-lhes a notar as pequenas coisas cotidianas, tais como: "Mamãe lava minhas roupas e prepara as minhas refeições, ensina-me a cozinhar, faz-me curativos quando me machuco e ensina-me a cantar. "Papai ganha dinheiro para comprarmos roupas e alimentos, conserta os meus brinquedos, ensina-me a usar ferramentas e conta-me histórias."

desenho feito por.

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

1.ª semana de maio

Hino: "A alma é livre", n.º 55
Oração:
Número Musical: Por tôda a família.
Lição: **NOSSO PAI CELESTIAL É UM DEUS DE AMOR.**
Objetivo: Ajudar a família a compreender que cada qual é amado pelo Pai.
Memorização: D&C 121.
Atividade: Poesia sôbre o Dia das Mães.
Hino: À escolha.
Oração:
Lanche: Pudim de leite condensado.

lavras do Senhor ao seu servo Josué.

"Não te mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não pasmes, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares."

A história que vamos contar passou-se quando não havia ainda telefones nem automóveis.

Uma noite o pai de Joãozinho adoeceu repentinamente. A mãe, relutante, acordou-o e disse-lhe que êle teria de ir a cavalo à cidade para buscar um médico. Ela sabia que Joãozinho era muito jovem para fazer uma longa viagem a cavalo, à noite, sòzinho, mas não havia outro jeito.

Joãozinho saiu, sentindo o maior mêdo que já sentira em tôda sua vida. A noite estava muito escura e não havia uma casa sequer até a cidade.

Seu mêdo aumentou ainda enquanto cavalgava. Em dado momento uma coruja voou sôbre êle, o que quase o fêz morrer de pavor. Finalmente chegou à casa do médico e comunicou-lhe o ocorrido.

O médico elogiou Joãozinho pela sua bravura, mas êle protestou, "Não sou nada valente, estava com um medão durante todo o trajeto!" "Mas," disse o sábio médico, "Você não cedeu ao seu mêdo. Todos têm mêdo. O que conta é o que você faz quando tem mêdo."

5. *Aos pais com crianças em idade escolar*

A coisa mais importante que você pode fazer por seus filhos é ajudá-los a ter fé no Pai Amado, que criou um mundo que é bom — um mundo que é amigo dêles. Ajude-os a associarem sentimentos agradáveis com as coisas que as rodeiam, as quais lhes causam mêdo. As crianças podem aprender a gostar do escuro, de raios, de animais, etc. Os pais agirão bem não falando sôbre mêdo, mas em lugar disso, das maneiras pelas quais os filhos de nosso Pai podem nos ajudar e nos trazer alegria. Tal aproximação ajudará tanto os filhos que não têm mêdo como os que têm. Se uma criança tem mêdo de um médico ou de um dentista, ela pode ser ensinada que êles são amigos tentando ajudar o nosso Pai Celestial a fazê-la feliz.

desenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

2.ª semana de maio

Hino: "Deus trabalha misteriosamente", n.º 64.
Oração:
Poesia: Pelo filho mais jovem.
Lição: **SABER QUE O PAI CELESTIAL NOS AMA TORNA-NOS TRANQUILOS.**
Objetivo: Ensinar os membros da família a sobrepujarem o mêdo, por saberem que o Pai Celestial os ama.
Memorização: II Timóteo 1:7.
Atividade: Brincar de Lenço Atrás.
Hino: "Deus Escuta-nos Orar" n.º 75
Oração:
Lanche: Gelatina de uva.

Quanto mais convencida estiver a criança do amor de seus pais terrestres, tanto mais ela poderá crer que seu Pai Celestial a ama. Como isto é fundamental para a vida religiosa das crianças, fica evidenciada a importância do seu papel de pai. Embora você tenha de disciplinar seus filhos algumas vêzes, não precisa temer que isso os venha tornar inseguros do amor de nosso Pai Celestial. Uma sábia disciplina é essencial e demonstra amor (Veja D & C 121:43).

Devemos ouvir as crianças atenciosamente, com respeito, e elogiá-las quando merecerem, desenvolvendo nelas, pacientemente, novos talentos, interessando-nos pelos seus problemas e ajudando-as a resolvê-los.

Encare seus filhos como filhos amados de Deus, confiados ao seu cuidado para serem instruídos no amor do Senhor.

1. *Como usar os versículos das escrituras*

Procurar os versículos aqui mencionados familizará os membros da família com as Escrituras e formará nêles o hábito de consultá-las.

As crianças se orgulharão de possuírem exemplare próprios. Há edições dos quatro livros-padrão a preços bastante acessíveis.

2. *O valor de saber que o nosso Pai Celestial nos ama*

Que diferença faz em nossas vidas, sabermos que o nosso Pai Celestial nos ama?

Os membros de sua família discutirão êste assunto mais fàcilmente se você propuser problemas reais, com os quais estejam familiarizados.

EXEMPLOS:

— Um garoto teme dormir no escuro e acorda à noite chorando. Que diferença faria se êle pudesse compreender que seu Pai Celestial o ama? Ora, qualquer que ame deseja ajudar. Sabendo que é amado por seu Pai Celestial, o garoto certifica-se de que Êle o ajudará a vencer o mêdo da escuridão.

— Um garoto tímido e desajeitado é infeliz por não ter amigos de sua idade. Que diferença faria se estivesse seguro de poder contar com o amor de seu Pai Celestial? O Pai o ajudaria a fazer amigos; o fato de ser amado pelo Pai Celestial o faria sentir mais amo próprio e lhe daria mais confiança em si mesmo.

— Certo pai orou e trabalhou anos para obter uma promoção no seu emprêgo. Apesar disso, foi preterido por outro

mais jovem e menos experimentado. Que diferença faria que êle tivesse fé no Pai Celestial?

R. Evitaria de entregar-se à amargura, e a fé o levaria a confiar em seu Pai Celestial, o qual o ajudaria a encontrar uma solução.

Há uma premente necessidade em nossas vidas, de saber que o Pai Celestial é uma pessoa real, de grande poder e inteligência e que nos ama. Essa certeza ajudá-nos a ficarmos livres da ansiedade e do pânico e dá-nos, além disso, compostura e confiança.

3. *Jesus nos ensina que nosso Pai Celestial é um Deus de Amor*

Nos tempos do Velho Testamento, pensou-se em Deus como o Grande Criador, o Juiz e o Governante. De fato Êle o é, mas Jesus ensinou que nosso Pai Celestial é, antes de tudo, um Deus de amor. O nosso Salvador comparou-o a um pai terrestre, que ama seus filhos sem egoísmo, referindo-se a Êle como "Meu Pai" e "Vosso Pai" (Veja Mateus 7;9-10).

4. *Por seu amor, nossos pais nos ensinam o amor do Pai Celestial*

Para ajudar a família a compreender o amor de nosso Pai Celestial, use as suas experiências pessoais ou relate êstes incidentes:

— Durante uma conferência, a espôsa de um presidente tentava, em vão, reconhecer na audiência, o pai de um missionário. Ao discursar o missionário, a face de um homem destacou-se, iluminada de orgulho e de amor. Ela já o suspeitara, mas agora sabia, com certeza, quem era o pai do missionário.

— Diga a seus filhos que você sentir-se-ia da mesma forma ouvindo-os discursarem. Peça-lhes para imaginarem que o amor de nosso Pai Celestial é igualmente grandioso.

Recordando sua juventude; diz um homem respeitável. "O que me permitiu viver em retidão foi o amor de meu pai. (A mãe lhe morrera logo após seu nascimento). Sou um ser diferente hoje, graças ao seu amor. Errei várias vêzes e fàcilmente me teria envolvido em graves problemas se o seu amor não me tivesse acudido sempre, no momento exato. Sabendo que era amado, eu não podia praticar certos atos embora bastante tentado. Estou surprêso e grato por que êle continuou a me amar, a despeito dos meus inúmeros erros.

Se um pai terrestre vai a extremos para demonstrar com-

Torna-se, assim, evidente que o nosso Pai Celestial os ama tanto, que planejou para êles êsses adoráveis pais. Por isso êles podem ter certeza do seu amor.

1. *Os pais e os adultos precisam destas lições*

Certa mãe disse: "Meu marido e eu não precisamos destas lições, porque estamos completamente familiarizados com as doutrinas da Igreja. Ficamos, porém, alegres ao apresentá-las por causa de nossos filhos." Tais adultos esqueceram a finalidade destas lições. O propósito delas é mostrar aos adultos e às crianças, como *aplicar* os princípios do Evangelho em suas vidas. Os adultos e as crianças precisam trabalhar tôda a vida para melhor viver os ensinamentos do Evangelho.

2. *A sensação de segurança provém de conhecermos o amor do nosso Pai Celestial por nós*

Comece esta lição perguntando: Como se sente quando está na presença de alguém que, você tem certeza, não gosta de você? Se fôr possível, conte um caso real e diga exatamente como se sentiu. Alguém que tenha passado por tal experiência dirá, certamente, que sentiu-se receioso, embaraçado, que teve dificuldade de falar e sentiu-se tenso e cheio de mêdo.

Agora, pergunte. Como se sente quando está na presença de alguém que o ama? — Saliente que há um sentimento de calor, confôrto, segurança e ausência de mêdo. Êsse é o sentimento que temos quando compreendemos que nosso Pai Celestial nos ama.

3. *Uma mulher é ajudada a vencer o mêdo*

Certa senhora tinha um grande mêdo de falar em público, embora fôsse obrigada a fazê-lo freqüentemente, por exigência de sua profissão. Ela já tinha falhado diversas vêzes e estava tão humilhada que já pensara em pedir demissão do emprêgo. Foi quando apareceu uma nova oportunidade de falar e ela resolveu tenta mais uma vez.

Para isso, preparou-se cuidadosamente e orou com fervor, pedindo a ajuda do Senhor. A medida que o dia se aproximava, mais ela pagava ao Senhor que lhe tirasse aquêle mêdo, embora continuasse quase doente de ansiedade.

Minutos antes de falar, estava em pânico; e então, um pensamento veio-lhe à mente: "Pense sòmente na importância da mensagem que vai dar e no que ela significará aos outros."

Refletiu nesse momento consigo mesma: "Acredito que

o desejo do Senhor é que eu dê esta mensagem e Êle me dará fôrças." Acalmou-se e fêz um excelente discurso. Sempre acreditou que foi o Pai Celestial quem lhe deu os pensamentos que amenizaram os seus temôres. Discuta:

Como o mêdo nos pode atrapalhar? Se os familiares não responderem prontamente, formule estas perguntas: De que maneira o mêdo do médico ou do dentista pode nos prejudicar? Como poderia o mêdo nos afastar de uma responsabilidade? Que prejuízo pode nos causar o mêdo de não sermos populares?

1. Pode enfraquecer nossa saúde.
2. Pensem na mulher que quase desistiu do emprêgo por ter mêdo de falar.
3. Pode nos levar a fazer coisas tôlas e erradas das quais nos arrependemos, como Pedro se arrependeu de ter negado a Cristo.

Saliente que o mêdo anormal nos impede de sermos o melhor que podemos, como aconteceu com Pedro.

4. *Nosso Pai Celestial nos diz: "Não temais"*

Nosso Pai Celestial não deseja que tenhamos mêdo. Várias e repetidas vêzes Êle nos deu essa mensagem através de seus profetas.

Peça aos familiares para abrirem a Bíblia em II Timóteo 1:7 e lerem juntos as palavras do apóstolo ao seu jovem amigo Timóteo.

"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, de amor e de moderação."

Êste versículo nos diz que os temôres anormais não provêm de nosso Pai Celestial e, por isso, devem ser produto da nossa imaginação.

Quais são os dons que o nosso Pai Celestial nos dá? (Êle nos deu seu amor, o dom de dominar nossos temôres e o dom de uma mente sã.) Depois da morte de Moisés, Josué recebeu ordens do Senhor para conduzir o povo de Israel à terra que o Senhor lhes havia prometido. Seria natural que Josué sentisse mêdo em tal ocasião — temor de que pudesse ser incapaz de conduzir o seu povo, e mêdo de que pudesse haver luta quando êle tomasse a terra do povo que lá vivia. O Senhor sabia o que havia no coração de Josué, tanto assim que repetidamente o confortou e lhe disse para não ter mêdo. Leiam juntos as pa-

"Êle encheu-me do seu amor". Leia novamente o versículo que mostra o que Nefi sentia a respeito da resposta à sua oração pelo Pai Celestial:

"Sim, sei que Deus dá com liberalidade aos que pedem. Sim, Deus dar-me-á, se eu não pedir impròpriamente; portanto levantarei minha voz a Ti; sim, clamarei a Ti, meu Deus, ó rochedo da minha justiça. Eis que minha voz eternamente se levantará para Ti, meu rochedo e meu eterno Deus. Amém."

COMO PAPAI AJUDOU MIRIAM

Miriam era bastante forte em aritmética mas em álgebra era fraca, achava a matéria cacête, por isso, disse ao pai "Papai o senhor podia fazer a lição de álgebra para mim? É uma lição muito difícil e para o senhor é tão fácil!"

Discuta: Se o pai de Miriam a ama, como responderá ao seu pedido?

Os seguintes pontos devem ser salientados:

Miriam poderá compreender a álgebra se fôr ajudada e se fizer esfôrço. Por outro lado, será mais rápido e mais fácil para o pai resolver o problema do que ajudar Miriam a solucioná-lo.

O seu amor e o seu respeito pela filha fazem-no desejar que ela sinta a alegria de fazer as coisas por si mesma.

Peça a cada membro da família para pensar em algum problema ou responsabilidade para os quais precise de ajuda do Pai Celestial. Seria bom que cada um escrevesse êsses problemas num caderno ou numa fôlha de papel.

Aquêles que desejarem, poderão contar à família o alvo que têm em vista, assim, tôda a família orará em conjunto para que êsse objetivo se realize.

3. *Para pais com filhos em idade pré-escolar*

Você conhece seus filhos melhor do que ninguém. Quando ler uma lição, escolha as partes que êles possam compreender É uma habilidade que crescerá ao continuar a adaptar as lições às necessidades de sua família.

desenho feito por:

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

3.ª semana de maio

Hino: "Ouve a Minha Oração n.º 173.
Oração:
Lição: **O PAI CELESTIAL RESPONDE NOSSAS ORAÇÕES DA MELHOR MANEIRA**
Oôjetivo: Ajudar a família a compreender que devido o amor do Pai por nós, Êle nos ajudará da melhor maneira.
Representação: pelos pais.
Memorização: D&C 121:7-8.
Atividade: Engraxar os sapatos de tôda a família.
Hino: Redentor de Israel, n.º 103.
Oração:
Lanche: Pastel de palmito.

procurar suas roupas é como procurar uma agulha em palheiro.

Você decide que irá pegar algumas roupas limpas na gaveta — alguém mais as usou. Não há normas que evitem isso.

Sem nenhuma norma no lar, as coisas poderiam sair muito mal.

Se não houvesse regulamento que fizesse papai sentir-se responsável para trabalhar e ganhar dinheiro para comprar o que a família necessita, talvez não levasse muito tempo para não haver alimento e roupas ou mesmo uma casa para nós vivermos. Então, podemos nos sentir agradecidos por haver normas, leis e mandamentos serem seguidos.

4. *Os pais têm normas porque amam seus filhos*

Conclui-se do exemplo acima que se os pais amam seus filhos, êles terão regras familiares para seguirem. Pense em algumas das regras de sua família que não tenham sido observadas. Discuta essas normas perguntando: Por que temos esta norma em nosso lar? Saliente que é porque você ama sua família. Exemplifique a lição com as seguintes histórias:

A família Pereira morava numa rua de muito movimento. Paulinho, que tinha dois anos, gostava muito de uma cachorrinha chamada Bilú. A família Pereira tinha por norma que Paulinho não deveria atravessar a rua, a menos que um membro mais velho da família estivesse com êle. Paulo foi avisado muitas vêzes para não atravessar a rua. Êle era muito pequeno para compreender a norma, por isso, continuou a atravessar a rua numa corrida, sempre que não fôsse vigiado: Discutir: Por que os Pereiras tinham por norma que Paulinho não atravessasse a rua sòzinho? (Sabiam que isso era perigoso e amavam muito a Paulinho). Certo dia o Sr. Pereira estava passeando com o filho, quando Paulinho viu Bilú atravessar a rua e correu atrás dela, com o risco de ser atropelado pelo automóvel que passava no momento. O pai puxou-o para trás e deu-lhe umas palmadas.

Discuta: Porque o pai de Paulinho deu-lhe palmadas? Foi isso uma punição? (O pai de Paulinho amava-o e queria salvá-lo de um desastre. Sabia que o único meio de ensinar a Paulinho a norma, enquanto êle era novinho, seria bater nele.)

desenho feito por

FAMÍLIA:
DATA:

PROGRAMA SUGERIDO

4.ª semana de maio

Hino: "A verdade é nosso guia", n.º 106.
Oração:
Lição: **OS MANDAMENTOS DE DEUS SÃO A ORIENTAÇÃO DE UM PAI AMOROSO**
Oôjetivo: Ajudar a família a obedecer os mandamentos do Pai, compreendendo que êle nos deu mandamentos porque nos ama.
Canção: Por um trio. (mãe e filhos).
Memorização: João 14:15.
Atividade: Pôr o álbum de recordações em dia.
Hino: "Damos-te graças", n.º 129.
Oração:
Lanche: Bombons.

1. *Revisão da lição da semana passada*

Deixe a família contar algumas experiências recompensadoras que tiveram durante a semana, por terem aprendido que não necessitam ter mêdo pois o amor de nosso Pai Celestial os apoiará em qualquer empreendimento digno.

2. *O Pai Celestial nos ajuda porque nos ama*

Deixe cada membro da família dizer o que o faz saber que o Pai Celestial o ama. Conte o seguinte incidente para ajudar a estabelecer o conceito:

GASTÃO VAI A ESCOLA

Gastão, que tinha 14 anos de idade, feriu gravemente a perna na escola. Teve de ficar de cama durante 3 semanas. O médico disse que êle não deveria descansar todo o pêso do corpo na perna por uns 2 meses. Teria que usar muletas. Os professôres de Gastão disseram que se êle perdesse mais dois meses de aula não poderia passar. Gastão estava aborrecido. Não queria perder um ano inteiro de estudo. Morava a uma curta distância da escola mas, ainda assim, era longe demais para ir de muletas. Gastão disse aos pais: "Por favor, encontrem uma solução para eu chegar à escola". Mas não havia transportes. O velho carro fôra vendido, e os pais não tinham o suficiente para comprar um nôvo nem mesmo alugar algum.

Discuta: Que pensam que acontecerá? Gastão terá de ficar em casa e perder as aulas?

Após a discussão, complete a história: O pai de Gastão fêz um carro especial para conduzi-lo à escola tôdas as manhãs. À tarde o pai ou o irmão maior iam até a escola e o traziam para casa.

Porque será que o pai de Gastão teve todo êsse trabalho para êle continuar na escola?

Deixe cada membro da família dizer o que o faz saber que nosso Pai Celestial o ama.

Nos primeiros dias da Igreja, quando os santos foram expulsos pela turba de seus lares em Missouri, o Profeta Joseph Smith e outros líderes foram encarcerados. Êles oraram para que o Senhor pudesse protegê-los de seus inimigos; ainda assim foram presos. Oraram, então para que o Senhor abrisse caminho para êles e os libertasse, a fim de poderem ajudar seu povo. Êstes homens foram profetas de Deus. O Senhor tinha estabelecido a Sua Igreja através do profeta Joseph Smith e lhe dera visões e revelações miraculosas. Não obstante, o profeta juntamente com os outros, foi encarcerado durante um período de quase seis meses. Sabemos que isso não significa que o nosso Pai Celestial não quisesse responder às orações do Profeta. Êle disse a Joseph Smith: (Leiam juntos a passagem em Doutrina e Convênios 121:7, 8).

"Meu filho, paz seja com a tua alma; a tua adversidade e as tuas aflições serão só por um momento."

"E então, se as suportares bem, no alto, Deus te exaltará; tu triunfarás sôbre todos os teus adversários."

Se houver crianças de idades diferentes na família, explique ou peça à criança mais velha para explicar às menores o significado dêstes versículos em palavras simples.

O Senhor também disse a Joseph Smith enquanto estava na prisão "Pois Deus está contigo para sempre e sempre". (D&C122:9)

Os adultos e as pessoas de mais idade poderão ler D&C 121:1-33, e tôda a Seção 122 para reforçar a idéia de que o nosso Pai Celestial tinha um propósito ao responder suas orações.

Use a seguinte história e versículos do Livro de Mórmon para mostrar à família que, quando oramos pelo que é certo, nosso Pai nos atende. Nefi, filho de Lehi, era um homem bom, que vivia pelos mandamentos do Senhor. O Senhor tinha respondido suas orações e Nefi recebera revelações. Êle tinha orado para saber como construir um navio a fim de atravessar o oceano, e o Senhor lhe havia mostrado.

Durante a viagem, seus irmãos Lamã e Lemuel tornaram-se furiosos e o amarraram para que não se movesse. Nefi orou ao Pai Celestial pedindo ajuda. Sua espôsa e filhos, seu pai e sua mãe, seus irmãos mais moços imploraram a Lamã e Lemuel que o libertassem, mas êstes o negaram. Uma grande tormenta se levantou, o navio foi desviado para trás, durante três dias. No quarto dia a tormenta estava tão forte que Lamã e Lemuel ficaram com mêdo que o navio afundasse, e libertaram Nefi.

Nefi orou para que a tormenta cessasse, então " . . . houve uma grande calmaria, e navegamos com rumo à terra da promissão."

Nefi sabia que o nosso Pai Celestial o amava, e disse:

Há quem pense que os mandamentos de Deus são apenas restrições à sua liberdade e uma limitação aos seus divertimentos. Pensam que são apenas normas que Êle estabeleceu arbitràriamente. O objetivo desta lição é ensinar você a fazer a família compreender que o Pai nos ama. Êle deseja que tenhamos felicidade e alegria. Êle sabe que isso sòmente é possível se fizermos certas coisas e, assim sendo, Êle nos disse para fazermos essas coisas. Essa orientação é chamada de "mandamentos de Deus". Para ajudar os filhos a compreenderem a significação dos mandamentos, compare-os às normas que os pais dão aos filhos no lar.

1. *Atenção dos pais*

1. É preciso dizer mais do que "Honre seus pais", para que as crianças o façam. Isso depende principalmente dos pais. A criança geralmente honra o pai que é firme no seu amor e que é perseverante em fazê-la obedecer as regras da família.

2. Selecione os assuntos desta lição que se apliquem à sua família.

Prepare a lição tendo em mente a família. Usar sòmente as partes que possam ter mais significação para elas. Não tenha mêdo de omitir algo que seja muito infantil. Há em cada lição alguma coisa para tôdas as idades. É provável, porém, que as coisas de uma lição não se ajustem exatamente a tôdas as famílias. Mantenha êsse objetivo em mente quando preparar a lição para sua família.

2. *O que vem a ser mandamentos*

Pergunte:

Qual dos mandamentos do nosso Pai Celestial que acabamos de obedecer? (Deixe as crianças menores da família responderem).

Porque nos deu Êle o mandamento de orar? (Deixe a família discutir).

As crianças menores geralmente têm apenas uma vaga idéia do que seja mandamento. Para ajudá-las a compreender, peça a cada uma delas para fazer alguma coisa agora. Por exemplo, você pode dizer a uma delas para fechar ou abrir uma porta, à outra para pegar um lápis, à outra, ainda, para trazer-lhe um livro, etc. Então explique que quando você diz a uma pessoa para fazer uma coisa, está dando um mandamento, pesar de não chamá-lo assim. Um mandamento é um pedido ou uma ordem para fazer alguma coisa.

Se não houvesse nenhuma norma que estabelecesse horário na escola, diàriamente, que aconteceria?

Se não houvesse leis de trânsito, que aconteceria?

Se não houvesse leis em nossa cidade, que aconteceria? (Ss pessoas poderiam roubar ou matar sem mêdo de receberem punição. As ruas não seriam varridas, o lixo não seria recolhido, etc.).

Deixe a família discutir o que seria o lar sem regras. Use a seguinte ilustração para mostrar a confusão que reinaria:

3. *Um lar sem normas*

Vamos supor que você viva num lar onde não haja regras ou regulamentos. Ninguém lhe diz o que deve fazer. Ninguém tem tarefas ou responsabilidades. Poderá sair quando lhe agradar, levantar quando quiser, ir para a cama e comer quando sentir vontade. Como não há regras para seguir, nada do que você faz está errado. Isso lhe parece divertido? Você poderá deixar de ir à aula, se quiser.

Agora, suponha que você decida ir para a cama muito tarde da noite, se levantará na manhã seguinte muito tarde, depois de a aula já ter começado.

Você está faminto mas como não há regras em seu lar, ninguém preparou-lhe o desjejum. Você encontra um pouco de leite e abre o guarda-comida para pegar uma tijela, mas os pratos estão todos na pia, sujos. Ninguém gosta de lavar pratos e nenhuma regra diz que é preciso lavá-los. Você encontra uma tijela e lava-a, despeja o leite e abre o armário para pegar o açúcar. Não há açúcar, então decide comer pão com manteiga. Mas não há pão. Como você vê, não havendo regras para o pai nem para a mãe, ninguém é responsável pelas compras no armazém.

Bem, então você decide vestir-se mas não pode encontrar suas roupas. Não há normas que digam que você as deva colocar em determinado lugar no quarto quando se despe, e você não pode se lembrar o que fêz com elas. Procura, mas há, porém, uma pilha de coisas ao seu redor, porque não há regra que diga que alguém tem de colocar as coisas em seus devidos lugares;

OITAVO CAPÍTULO DA SÉRIE
"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS ?"

Traduzido de The Improvement Era
por Regina Kauag

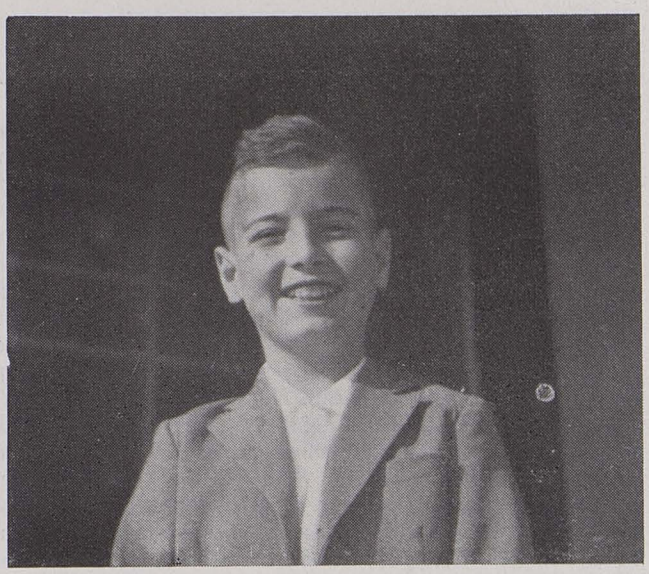


foto de Floriano Peixoto da Costa

Seu Bolo Está Apenas dois Têrços Assado

por W. Cleon Skousen
Chefe de Polícia de Salt Lake City

(*Normas de conduta e problemas dos* 14 *anos*)

Retrato de um garoto de 14 *anos*

Um rapazote de 14 anos è "potencialmente" tudo, apesar de pràticamente nada. Em essência, êle é algo a se tornar. Sua voz está mudando e em seu queixo começa a brotar uma penugem. Êle é grande demais para estar com os pequenos e pequeno demais para ficar com os grandes. Já atrai as garotas, mas entra em convulsão quando alguma dedica-lhe atenção pessoal. Aos 14 anos o júnior conta vantagens e só tem grandes projetos, mas por um motivo ou outro, quase tudo parece estar além de sua capacidade de realização. Aparentemente, a Mãe Natureza mantém-no em suspenso — êle sabe que está chegando de algum lugar, mas não tem a menor idéia de quando ou onde irá arribar.

Como um perito afirmou, "Seu bolo está apenas dois têrços assado!"

E tudo isto é duplamente difícil para o júnior, porque não se sente em desvantagem para com o mundo e, no entanto, sabe que está. Êste é um ano de maré vazante e o júnior exibe uma personalidade bàsicamente feliz, entusiasta, extrovertida, que quer ficar em paz e deixar os outros viverem à sua maneira. Mas a vida acaba sendo miserável para a maioria dos rapazinhos de 14 anos. Êle ainda não se enquadrou nela. Seja em casa ou na escola, e mesmo com a turminha, êle raramente sente a confortadora sensação de ser bem sucedido.

Na escola, descobre uma garota que é um encanto e manda-lhe um bilhetinho sentimental, que será sumàriamente desprezado como "coisa de criança." Ou então êle pode querer bancar o valentão, mas um magricelinha qualquer quase que liquida com suas pretensões, num piscar de olhos. Durante algum tempo o júnior chega a pensar em carregar no bôlso uma provisão de pedras "como proteção." Êle talvez procure participar de um conjunto, de competições esportivas, debates ou teatro, sendo eliminado de tudo, com a recomendação expressa de voltar mais tarde, depois de ter-se desenvolvido um pouco mais. Então êle invejará os poucos garotos da classe que parecem já ter-se desenvolvido e que mantêm uma espécie de monopólio em atletismo, grêmios escolares, assembléias e garotas. Ao examinar o mundo, o júnior não entende como pode sentir-se tão bem na vida e fracassar constantemente.

Traços fisiológicos de um rapazinho de 14 *anos*

Fìsicamente como já foi mencionado, o nosso júnior é algo a se tornar. Aos treze anos, êle ainda tinha a aparência de um menino. Agora, aos 14, os primeiros traços de adulto vão-se evidenciando. É comum nesta idade certos traços parecerem grosseiros e em desacôrdo com o resto do rosto. Da mesma forma, as pernas e braços dão a impressão de estar fora de proporção. Isto faz o júnior sentir-se desajeitado. Não acha lugar para as mãos. Seus pés projetam-se longe demais. Êle fica o tempo todo preocupado com a sua nova estatura e encurva-se como se quisesse ser pequeno outra vez.

Não obstante, um garoto de 14 anos já começa a notar seus "músculos." Isto pode tornar-se um traço característico nêle. Talvez comece a praticar levantamento de pêso na escola ou procure realizar outras proezas físicas. Com êste desenvolvimento evidente, alguns pequenos problemas de higiene pessoal poderão surgir. De agora em diante o júnior transpirará mais. Um bom banho, com sabonete e o uso diário de um desodorante serão necessários.

As meias são também um problema. Mesmo pouco depois de calçadas, já começam a ficar "odoríferas." Isto porque geralmente o pai só pode dar-lhe um par de sapatos escolares, e correndo e suando como êle faz, as meias não conseguem permanecer limpas por muito tempo. Será bom que êle tenha mais de um par de sapatos para bater, além de trocar diàriamente de meias, lavar os pés tôdas as noites e aplicar um talco especial pela manhã.

O júnior não é mais tão frágil como aos 11 e 12 anos. Aparenta grande resistência física e é raro perder aulas devido a doenças. Possui o dôbro da fôrça que tinha aos 10 anos. Agradam-lhe trabalho pesado e esportes violentos e quer participar de atividades que envolvam impacto físico.

Sua barba incipiente pode criar problemas. É provável que êle se tranque no banheiro, uma ou duas vêzes por semana, para raspar a barbicha. A maioria dos garotos ressente-se de ser amolado por fazer a barba tão cedo. Além disso, o raspar o rosto poderá irritár-lhe a pele, acarretando um bom problema de acne, o que acumulará um complexo de inferioridade já bem desenvolvido, e poderá prejudicar o amadurecimento normal da personalidade do rapazinho. Se o problema se acentuar, deve-se consultar um médico. Alimentação inadequada ou outra causa qualquer talvez precise ser determinada.

Durante êste período a pele é também muito suscetível a cravos e poros dilatados. Não se sabe porque um garoto não consegue lembrar-se de lavar o rosto regularmente e, quando o faz, a água não limpa mais do que o nariz. Uma breve explicação de que é preciso esfregar o rosto todos os dias com água e sabão poderá ajudar alguma coisa. O emprêgo de uma loção adstringente auxiliará a evitar que os poros aumentem e se deformem demais, particularmente ao redor do nariz.

O rapaz de 14 anos dentro de casa

Quando um garoto de 14 anos sente-se explodir com as pressões da adolescência, pode querer desforrar-se na família. Êste fato será discutido logo mais. Mas o tipo mediano, que é em geral bem ajustado, sentir-se-á melhor em casa do que em qualquer outro lugar. A princípio êle pode experimentar suas azinhas sociais lá fora e desejar ser "independente," mas quando descobre que por enquanto ainda é um desajeitado, é provável que se retraia para o aconchêgo do lar.

Os pais podem ajudar muito o júnior a manter suas amarras durante êste período difícil. Êle necessita de incentivo a intervalos frequentes, porque sofre ainda de uma séria crise de auto-crítica que o acometeu aos 13 anos. Pode ser auxiliado também em seu ajustamento social e deve ter liberdade para convidar os amigos a vir em casa. Êsses amigos serão "bagunceiros" e ruidosos, mas é possível mantê-los sob contrôle sem embaraço para o júnior, se os pais souberem manter o senso de humor. No entanto, duas coisas podem ser fatais.

Uma é impor disciplina irracional ou falar-lhes como se fôssem "criancinhas." O júnior pode não perdoar nunca a seus pais esta falta de tato e talvez fique tão envergonhado que não volte a convidar os amiguinhos. O outro êrro paterno é entregar a casa nas mãos de um moleque de 14 anos e sua "gang", com a advertência: "Tenham juízo enquanto estivermos fora." A única coisa que êles quererão saber é "quanto tempo" os pais ficarão fora. O pandemônio que se estabelecerá então poderá ter conseqüências funestas para êsses bolos meio-assados.

Neste período os pais perceberão que em seus melhores momentos o júnior é capaz de ser mais assentado em casa do que quando tinha 13 anos. Êle assume responsabilidades um pouquinho melhor e de um modo geral faz sua parte nas tarefas caseiras. No entanto, ressentir-se-á de ser sobrecarregado com obrigações desagradáveis com muita freqüência, especialmente se tiver a impressão de que mamãe e papai estão apenas procurando "empurrar o abacaxi." Cuidar da louça e outras obrigações da rotina caseira é tão enfadonho para um adolescente como para os adultos. E no que diz respeito ao jardim, seu bom estado é muito mais importante para os outros do que para êle.

Os pais poderão ralhar constantemente com o júnior por não saber o que quer. Se fôr um garoto normal, cheio de vida, é natural que tenha a cabeça cheia de enorme miscelânea de coisas, como astronomia, eletrônica, radioamador, aeromodelismo, ficção científica, escotismo, mecânica de motores, desejo de arranjar emprêgo, tirar boas notas na escola e ser mais popular. A exaltação de tôda essa atividade mental provàvelmente o tornará um tanto esquecido de coisas irrelevantes, tais como lavar o carro, a louça, levar recados ou ir deitar-se.

Êsse acúmulo de interêsses, acrescido de uma recente paixão por isolamento fazem com que êle comece a desejar um quarto só para si. Se fôr possível, isto é bom. Mas se as condições não favorecerem, é preciso dar-lhe um armário, ou pelo menos uma gavêta com chave. Não há praga maior para um garôto de 14 anos que os irmãozinhos menores mexerem em suas coisas. E nada mais fascinante para os pequenos que os pertences do mais velho. Fechadura e chave parecem ser a única solução.

A escola aos quatroze anos

Alguns garotos desta idade às vêzes revelam um súbito desabrochar acadêmico e começam uma carreira de alunos brilhantes. Mas para a maioria dos jovens os quatorze anos são difíceis. Êles dizem que gostariam de tirar boas notas, mas "não arranjam tempo." Os muitos interêsses em conflito, além da ansiedade de ser aceito socialmente, combinam-se para tornar a escola apenas aspecto sem importância no grande panorama da vida. Tanto os pais como os mestres têm de concentrar esforços para manter o júnior na linha. Os professôres podem auxiliar tornando as aulas mais estimulantes e cheias de aventura e os pais contribuirão fazendo com que as atividades recreativas do júnior fiquem condicionadas a ter êle concluído ou não suas tarefas estar em dia com a lição.

Na escola o professor nota que a classe dos 14 anos demonstrará muita consciência de grupo e, portanto, distrai-se fàcilmente. Seu desafio é manter a aula tão interessante, o tempo todo, que o grupo permaneça atento. O centro de interêsse da turma pode ser desviado apenas por um ou dois salientes assoviando, dando risadinhas ou fazendo micagens. Em média, o rapazote de 14 anos anseia muito mais por distinção dentro do grupo de que frente ao professor. Portanto, seu radar mental está sempre em sintonia com a classe. Se a turma está atenta à lição e ao professor, então êle também quer estar. Se a classe tem a atenção voltada para qualquer outra coisa, êle prefere atentar para aquilo também.

Ruído e palhaçada caracterizam as inclinações de um rapazinho desta idade. Nos intervalos entre as aulas êles brincam como moleques superdesenvolvidos. Atracam-se, empurram-se, lutam e dão socos. E fazem a mesma coisa com a voz. Seus berros na sala-de-aula são para chamar a atenção e mostrar desinterêsse. Para êles gritaria não é barulho pelo menos não os aborrece. O importante é transmitir ruído e fúria e se o mundo inteiro puder ouvi-los, tanto melhor.

Os professôres notam que seus alunos de 14 anos estão ansiosos por conhecer a vida pelo método da experimentação. Tentam fazer muitas coisas que não estão ao seu alcance, "só para ver se consigo." O professor inteligente procura manter os fundamentos do ensino tão interessantes que seus alunos não comecem a divagar pelo mundo etéreo das viagens espaciais e da construção de foguetes. Esta má disposição para assimilar conhecimentos básicos continuará sendo problema durante os próximos três ou quatro anos. Por vêzes estende-se ainda por mais um ano ou dois.

O desajustado de 14 *anos*

Na escola os rapazinhos de 14 anos são sempre importunos para os garotos de 13 anos, mais meditativos, e para os moleques de 12, inofensivos e maleáveis.

Existem muitas facêtas no desabrochar da personalidade de um garoto de 14 anos que podem fazê-lo explodir:

1. Êste período particular de desenvolvimento é doloroso. Talvez o ouçam dizer: "Detesto esta idade. Bem que gostaria de ser mais velho!"

2. Êle tende a criticar demais seus pais, especialmente a mãe. Isto porque quer justificar seu anseio íntimo de tornar-se independente dêles e ressente-se do fato de que cada vez que tenta, esborracha-se todo. Além disso, até esta data a mãe talvez tenha sido a única a impor tôda a disciplina para o júnior. Mas um garoto de 14 anos é tarefa para homem. Está na hora de o pai tomar as rédeas.

3. O garôto aventura-se em tantas novas esferas que está sujeito a fracassar mais vêzes do que a obter sucesso. Nesta idade, particularmente, êle necessita ser guiado nas atividades em que lhe será possível triunfar.

4. Êle sente agora quase todos os anseios de um adulto e, no entanto, tem de ouvir a maior parte do tempo que "ainda é cedo para isso." A despeito de suas queixas e lamúrias, os pais devem resistir à tentação de abandonar o júnior às suas próprias maquinações. Êle nunca necessitou tanto da proximidade dos seus.

5. Freqüentemente o rapazinho é repreendido pela linguagem indelicada que emprega com seus irmãos menores. Os pais observarão que em geral o adolescente tem bons motivos para achar que os "pequenos" se aproveitam dêle. Os mais novos aprendem a explorá-lo e montam sôbre êle sem piedade. É reconfortante para o júnior que os pais o defendam de vez em quando (naturalmente quando está com a razão.)

6. Um garoto de 14 anos é obstinado. Não aceita advertências e às vêzes discute veementemente, em especial com seus pais. Aos 12 anos êle não se opunha a uma conversa ocasional a respeito de seus erros. Aos 13, atentava cuidadosamente para qualquer palavra de crítica e sofria no fundo do coração. Mas aos 14 êle torna-se repentinamente impermeável. Tanto pode discutir acerbamente, como recolher-se à casca como uma tartaruga. No último caso, quando a tormenta irrompe êle simplesmente esconde a cabeça, como que, diz, "deixe as águas rolar." Não obstante, o júnior precisa saber o que seus pais e professôres acham dêle. O principal problema é que haja louvor de permeio com as advertências e que estas não degenerem em sermão constante.

Delinqüência potencial aos 14

Através desta análise perceber-se-á quão fácil é para um garoto de 14 anos atravessar as fronteiras do bom comportamento e desenvolver um caso agudo de delinqüência juvenil. Isto refere-se particularmente ao menino rejeitado ou ao superprotegido, mas pode acontecer a qualquer um. Os ressentimentos talvez já se viessem consolidando dentro dêle desde os 5 ou 6 anos. Pode ser que o garoto tenha procurado libertar-se dêles aos onze, sendo prontamente sufocado. Após atravessar o estágio dos 12 anos, êle começou os 13 cogitando amargamente de vingar-se para ficar quites. Os 14 anos tornam-se então sua idade de mobilização. Sua súbita transformação de meditador, aos 13 anos, em personagem ativa, aos 14, tornam-no fàcilmente suscetível a um explosão, mesmo contra as restrições normais que seus pais precisem impor-lhe. Como resultado, as taxas de criminalidade juvenil começam a subir ràpidamente entre os 14 e os 15 anos, que são também outra idade perturbadora. Por vêzes os jornais noticiam a história chocante de um garoto desta idade que cometeu um assassinato ou praticou algum outro crime sério de violência. É fácil criticar os pais, nessas ocasiões, mas a polícia, acostumada a investigar êsses casos, sabe muito bem que um garôto de 14 anos que se desvia e torna-se desajustado pode ser dinamite. Mesmo instituições especializadas, com psicólogos de alta categoria, têm dificuldade em controlar muitos dêsses jovens. Às vêzes os pais são culpados tanto devido a ignorância como à negligência. Outras vêzes, porém, parece ter preponderado um problema de personalidade do rapaz, que sucumbiu diante das circunstâncias.

O que importa é ter em mente que os 14 anos são um período em que um garoto está apenas "dois têrços assado." Êle já viveu 14 anos, mas tem ainda 7 para atingir a emancipação. É uma época para contrôle cuidadoso e constante. Precisa de afeição, louvor e orientação e requer paciência e disciplina, pois está batalhando contra um dos períodos mais difíceis de tôda a sua vida.

NÃO HÁ DECISÕES DE PEQUENA IMPORTÂNCIA

pelo Élder Thomas S. Monson
do Conselho dos Doze

Nenhuma decisão tomada por um jovem SUD é de pequena importância, pois as decisões determinam nosso progresso no caminho da vida eterna.

Gostaria de ouvir sôbre um missionário que foi impelido a fazer uma sábia escolha? Êle era nôvo no trabalho e foi designado para trabalhar na cidade de Oshawa, Ontário, Canadá, tendo como companheiro um missionário veterano. Visitaram a casa de uma família chamada Pollard. Bateram, e o Sr. Pollard os admitiu em casa. Convidou-os a apresentar o seu material. Após ter ouvido sua mensagem e ter orado com êles, pareceu que o espírito do adversário veio sôbre êle, e ralhou com os élderes dizendo-lhes para sair e não voltar mais. Ao mostrar-lhes a porta, disse-lhes: "Vocês não podem dizer-me que realmente acreditam que Joseph Smith é um profeta de Deus, de modo algum." E bateu a porta. Os dois abatidos missionários foram-se embora.

Êste jovem missionário virou-se para o seu companheiro sênior e disse: "Nós não respondemos a pergunta de Sr. Pollard."

O companheiro sênior explicou a futilidade de tentar retornar.

Mas o jovem élder disse: "Vou voltar. Não me sentirei bem enquanto não o fizer."

Voltaram à porta do Sr. Pollard e bateram. Êle abriu e disse: "Pensei que lhes tivesse dito que fossem embora."

A decisão seguinte tomou tôda a fôrça de caráter e a coragem que êste jovem pôde reunir, pois o seu companheiro sênior não lhe ajudou muito. Ouví o próprio Sr. Pollard descrever a experiência. Disse: "Aquêle missionário olhou-me nos olhos. Hesitou por um momento, e então disse: "Sr. Pollard, ao deixarmos sua casa o Sr. fêz uma declaração de que nós não acreditavamos realmente que Joseph Smith fôra um profeta de Deus. Sr. Pollard, quero que saiba que *eu sei* que Joseph Smith foi um profeta de Deus, e que a sua obra é verdadeira."

Após esta declaração, os missionários partiram. Sr. Pollard mais tarde contou-me que continuou a escutar aquelas palavras ecoando nos seus ouvidos: "*Eu sei* que Joseph Smith foi um profeta de Deus. Eu sei. Eu sei. *Eu sei.*"

Na manhã seguinte êle telefonou aos missionários e pediu-lhes que voltassem. Êles voltaram ao seu lar e ensinaram-lhe o evangelho. Ensinaram o evangelho à sua espôsa, ensinaram o evangelho aos seus filhos. Todos tornaram-se membros da Igreja. Se vocês tivessem podido me acompanhar à conferência distrital a que compareci, poucos anos atrás e tivessem ouvido êste homem levantar-se e agradecer ao seu Pai Celestial pela escolha que os jovens missionários fizeram de voltar e prestar o seu testemunho, vocês, meus irmãos e irmãs, estariam para sempre ansiosos de "escolher certo ao defrontarem-se com uma escôlha."

INFORME MÓRMON DE BEIRUTE

Temos uma dívida com o Pres. Rendell N. Mabey, da Missão Suíça, dando uma interessante história que nos foi enviada após o seu retôrno de uma viagem ao Líbano, onde esteve atendendo à algumas responsabilidades missionárias.

Hagop Nerses Danaian, há um ano atrás, estava desempregado, sem pátria e sem religião. Era refugiado da Armênia, cidadão sírio, vivendo em Beirute, Líbano, sem permissão consular de trabalho. Sua mulher e três filhos dependiam dêle para viver.

A vida de negócios em Beirute estava difícil e competitiva. O Sr. Danaian decidiu lançar-se no negócio de padaria. Construiu seu próprio fôrno de fôlhas de metal, adquiriu uma pequena loja de esquina numa rua estreita e num espaço de uns dez metros quadrados e começou a fazer produtos de padaria, especializando-se em pizza armênia. A competição na sua vizinhança, e as longas horas de trabalho trouxeram-lhe pequeno lucro.

No início do ano passado entrou em contato com missionários mórmons mediante uma referência de membro. Os élderes J. Lynn Styler, Robert P. Burton e Terrel E. Hunt ensinaram-lhe o evangelho.

Desde o momento do seu batismo no mar Mediterrâneo, em 15 de maio de 1966, uma nova alegria encheu a vida dêste bom homem. Não se envergolhou do evangelho — queria que o mundo o conhecesse. Uma das primeiras coisas que fêz foi colocar uma tabuleta na sua padaria, dizendo: "Padaria Mórmon Profeta Joseph Smith." E então fechava a sua padaria aos domingos.

Imediatamente, alguns poucos freguêses e vizinhos curiosos queriam saber o que significava o letreiro. "O que você quer dizer com êsse negócio de Padaria Mórmon?" perguntavam êles. "E porque você fecha aos domingos e nos deixa sem poder comprar pão?"

O orgulhoso padeiro mórmon replicou: "Fecho aos domingos para que possa levar vocês todos comigo à Igreja, para que vocês também possam conhecer o Profeta Joseph Smith e os seus ensinamentos."

Há seis meses atrás havia sòmente 36 pessoas na reunião sacramental, em comparação com 90 recentemente. Muitos dos novos são amigos do irmão Danaian. Até agora há 14 referências de batismos creditada ao padeiro mórmon. E não será improvável que 20 outros amigos e fregueses seus, sejam batizados brevemente.

Entrementes, o irmão Danaian, que agora é sacerdote, acompanha os missionários à noite, ouvindo suas exposições de modo a preparar-se para explicar aos seus fregueses pela manhã.

Enquanto isso, o que aconteceu à padaria.?

O negócio triplicou, e há muitos compradores ansiosos pela padaria.

NENHUM OUTRO NOME

pela *Conselheira Marianne C. Sharp*
discurso proferido na Sessão Geral da Conferência Geral Anual da Sociedade de Socorro, em 28 de setembro.

Na conferência trimestral do verão passado, fiquei bastante impressionada com uma declaração feita por um presidente de missão. Disse-êle que três quartos dos conversos revelaram que sabiam da veracidade do evangelho desde a primeira vez que o ouviram.

Muitos pensamentos passaram pela minha mente enquanto eu ponderava sôbre isso. Pensei no testemunho que os missionários possuem e nas suas palavras de verdade que têm penetrado os corações dos estranhos, unidas à luz de Cristo dada a tôdas os homens e, por meio do qual nada sabemos, formam testemunhos. Isso teve um grande significado para mim nêstes dias em que os homens declaram que Deus está morto.

Pensei nas palavras: "A quem muito é dado, muito é esperado." Pensei nas palavras pronunciadas às membros da Sociedade de Socorro pelo Profeta Joseph Smith em 1842; "Após estas instruções sereis responsáveis pelos vossos próprios pecados." Pensei no pêso da responsabilidade que estava sôbre as membros da Sociedade de Socorro em serem uma fôrça no testemunho de seu conhecimento de que Deus vive e que Jesus é o Cristo.

Penso que cada uma de nós, como membro da Sociedade de Socorro, precisa procurar em seu próprio coração para averiguar quão forte é o seu testemunho, e então orar, estudar e realizar trabalhos que irão fortalecê-lo firmemente. Alguns dos que foram convertidos sabem quanto lutaram e se sacrificaram para obter um testemunho. Outros, que nasceram na Igreja, sabem o que tiveram de fazer pelo seu testemunho. E ainda outros, parecem ter trazido os seus testemunhos da vida premortal. Não sabemos inteiramente porque é mais fácil a uns que a outros obter um testemunho. Êsse conhecimento pertence ao Senhor. Sabemos, porém, que com o nosso livre arbítrio, é da responsabilidade de cada membro da Sociedade de Socorro salvar-se a si mesma, como disse o Profeta, e cada uma de nós deve adquirir e manter forte o seu testemunho do Evangelho, se quizer ser exaltada.

Em que consiste êsse testemunho? Consiste num conhecimento de que Deus é nosso Pai, de que Jesus Cristo, seu Filho no mundo espiritual, tanto quanto neste mundo, é o Cristo, nosso Redentor e Advogado junto ao Pai. O testemunho da veracidade do Evangelho é um complemento dêsse conhecimento.

Com tôdas as fibras do nosso ser, precisamos conhecer a verdade das palavras do Salvador: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, ninguém pode ir ao Pai senão por mim". (João 14:16).

Ouvimos algumas mulheres dizer: "Oh, desejaria ter vivido nos dias do Salvador. Se o tivesse visto, e aos milagres que realizou, seria fácil crer nêle."

A Irmã Spafford tinha um importante compromisso, na primavera passada, que a fêz correr mundo. Fêz uma declaração muito significativa relatando suas experiências, ao dizer: "Há milagres hoje, e o maior de todos os milagres é a maneira como o evangelho modifica as pessoas." Uma mulher que vive nestes dias pode testemunhar e experimentar o mesmo milagre que experimentaria quando o Salvador estava na terra — o milagre de modificar sua própria alma enchendo-a com o conhecimento de que Jesus é o Cristo. Êsse conhecimento não é uma coisa estática, cresce ou definha.

O tempo permite mencionar apenas uns poucos atributos, os quais, nós como mulheres SUD precisamos cultivar, se quizermos que os nossos testemunhos cresçam e aumentem. Êstes atributos, entre outros, estão delineados para nós nas escrituras, pelo Salvador. Os profetas modernos constantemente nos exortam a vivê-los hoje em dia.

A mulher SUD deve cultivar a fé, da mesma maneira que a mulher grega manifestou quando Jesus prometeu-lhe: "Ó mulher! Grande é a tua fé: Seja isso feito para contigo como tu o desejas." (Mt. 15:28)

A mulher SUD deve sacrificar-se, como advertiu Jesus: "Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o Reino de Deus." (Lc. 9:62)

A mulher SUD deve reconhecer a verdadeira grandeza." "Portanto, aquêle que se tornar humilde como êste menino, êsse é o maior no reino dos céus." (Mt. 18:4)

A mulher SUD deve ser humilde na avaliação do seu próprio conhecimento, nesta época em que os homens exaltam a si próprios e dizem que Deus morreu. Em sua humildade relembra a pergunta que o Senhor fêz a Jó: "Quem é êsse que escurece o consêlho com palavras sem conhecimento?" (Jó 38:2)

A Mulher SUD deve procurar refinamento cultural, deve buscar trazer para sua vida uma elevada apreciação da beleza da criação. É da sua responsa-

bilidade criar beleza ao seu redor. "Dê-lhe dos frutos de suas mãos: e permita que seus próprios trabalhos louvem-na nas portas as suas obras." (Pv. 31:31)

A mulher SUD deve ter amor. "Aquêle que não ama não conhece a Deus." (I Jo. 4:8)

A mulher SUD deve estudar a vida do Salvador, buscando aumentar seu amor por Êle. "Aquêle que me ama guarda os meus mandamentos." (Jo. 14:15)

"Guarda os meus mandamentos", apenas três palavras, porém quão difíceis de obedecer. Quão penoso é, algumas vêzes, praticar o amor em nossas relações com os outros, quão difícil é ser paciente, compreensiva, obediente. Quão fácil é melindrar-se, sentir-se menosprezada e injustamente tratada. Logo vem a tristeza, a dor e o sofrimento.

O rochedo sôbre o qual cada mulher SUD deve permanecer para sobrepujar os cuidados do mundo é a fortaleza do seu próprio testemunho.

"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça mas tenha a vida eterna." (Jo. 3:16).

Jesus Cristo nos amou tanto que tomou sôbre si os pecados do mundo e, em agonia, chamou seu Pai no Getsêmane, segundo o Pres. Clark, "para ajudar a cumprir sua missão — o grande sacrifício pela queda de Adão". (*On the Way to Immortality and Eternal Life*, p. 21), "e seu suor tornou-se em grandes gôtas de sangue, que corriam até o chão." (Lc. 22:44).

Não é de se admirar que sòmente possamos prevalecer à medida que amamos a Jesus Cristo e o adoremos como Filho de Deus e nosso Salvador," porque também debaixo dos céus, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos." (At. 4:12).

Sinto-me a esquadrinhar minha alma para saber o quanto amo ao Salvador, o quanto a obediência aos seus mandamentos governam os meus pensamentos e ações, e o quanto estou longe de estar vivendo os dois grandes mandamentos.

Reconheço a influência que a Sociedade de Socorro tem tido na minha vida, em aumentar os meus talentos, o meu conhecimento o meu testemunho.

Sei que Nosso Pai Celestial é um Pai de amor e de misericórdia, que ama a cada um de nós, pois não faz acepção de pessoas.

Sei que Jesus Cristo é seu Filho, nosso Redentor e Salvador.

Sei que o Evangelho foi restaurado pelo Profeta Joseph Smith, e que o Presidente David O. McKay é o Profeta do Senhor em nossos dias.

Agradeço ao Senhor pelo meu testemunho, a mais preciosa dádiva que me foi dada aqui na terra.

Oro para que possamos tôdas nós, mulheres SUD, buscar em nossas almas e nos esforçarmos incessantemente para aumentar nossos testemunhos — as fontes da nossa vida. Amém.

Educando Crianças . . .

(conclusão da pág. 20)

ser removida. Quanto aos adolescentes, êles podem desenvolver um antagonismo com respeito aos seus pais, que pode desencadear tôda sorte de coisas, tais como casamentos precipitados e muito cedo, para escapar à infelicidade do lar. Quando chegam à idade adulta, os jovens podem sempre considerar tôdas as pessoas revestidas de autoridade, tais como chefes, com mêdo ou com desconfiança.

"Em todo caso de comunicação interrompida, a dificuldade começou muitos anos antes da adolescência. Despercebidamente os pais começaram a cortar os fios quando os filhos ainda eram pequenos. Você pode manter as linhas intactas, para que assim as mensagens (e a compreensão) possam correr livremente entre as gerações, destes modos: (Citarei apenas dois dêlas):

"2. Refreando o seu temperamento. Demonstrações frequentes de ira podem amedrontar tanto uma criança que ela emocionalmente se retirará de você. Irritação justificada por algo que fizer errado é aceitável, e mesmo benéfico, mas a raiva incontrolada é outra coisa."

"6. Disciplinando-as adequada e justamente quando necessário. Não conheço nenhum meio melhor de mostrar a um filho que é realmente amado que pela firme disciplina. Não é provável que um filho que saiba que é amado se afaste muito da sua família." (This Week Magazine, 19 de junho de 1966)

Agora, para concluir a minha história: Vários dias após o incidente com o policial, meu filho e eu discutiamos alguns problemas sociais que êle iria enfrentar na primeira série do ginásio.

Após ter explicado alguns desse problemas, expressei a minha fé nele; e de que êle teria a coragem de arrostar estas tentações. Ele disse, "Você realmente tem fé em mim, mesmo depois de eu ter me enrascado com a lei?"

Possa o Senhor abençoar cada pai com visão e entendimento nos primeiros anos de paternidade para que não lhes seja necessário experimentar em quatro ou cinco filhos, antes de chegar à uma compreensão de como educá-los sàbiamente.

Eu sei que Deus vive, que esta é a sua Igreja e que êle é o Pai dos espíritos dêstes filhos escolhidos que vieram abençoar nossos lares. Em nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Um Educador observa. . .

(conclusão da pág. 19)

palavras foram como uma punhalada em suas costas. "O que está se passando aqui? Que significa isso? Pensou êle. Comparava esta cerimônia aos casamentos que havia observado no templo: lá não se diz assim, duas pessoas que se amam são unidas "para o tempo e a eternidade" por alguém com autoridade para agir em nome de Deus. Compreendeu, como nunca anteriormente, que o casamento no templo provê as linhas mestras e a base para a felicidade nesta vida e nas eternidades.

A ARMADURA DA FÉ EM DEUS

por Burl Shephard

(De uma entrevista com o Major Bernard F. Fisher)

Para Bernie Fisher, Major da Fôrça Aérea Americana e mórmon ativo, a voz é um sentimento interior de convicção em resposta a uma questão: "Está certo, ou está errado?"

O Major Fisher crê que na sua vida profissional na Fôrça Aérea, no que concerne à religião deve, "andar mansinho mas carregar um bordão." O "bordão" do Major Fisher é a sua fé no Evangelho de Jesus Cristo e a sua calma determinação de viver conforme os seus princípios. Como piloto capaz, despretencioso, mas altamente qualificado, com cêrca de 14 anos de experiência, êle diz:

"Na Igreja você não precisa alardear a sua crença diante dos outros, nem fazer estardalhaço dela. Mas se dentro de você mesmo, você sabe que algo está certo, então creio que deve atirar-se a isso com tudo o que você tem. Após ter formado uma decisão, vá em frente com todo o vigor".

Foi essa espécie de disciplina, aplicada vários anos, que levou o Major Fisher no comêço do ano passado a realizar uma das mais ousadas e dramáticas missões de salvamento na história da guerra.(1) Isso lhe valeu uma recomendação para a mais alta condecoração que o seu país pode dar: a Medalha de Honra do Congresso.

Major Bernard F. Fisher

O vale de Ashau está envolvido pelo nevoeiro a maior parte do tempo.. Situado 65 quilômetros a oeste de Da Nang, a cêrca de 5 quilômetros da fronteira laociana, foi na primavera passada um ponto chave de observação e hostilização à infiltração norte-vietnamita, pela fronteira, no Vietnam do Sul. O acampamento das Fôrças Especiais Americanas era uma fortificação triangular com uma pista de pouso com 750 metros. Nos dias 9 e 10 de março, os vietcongs entrincheiraram-se sob a muralha sul e atacaram a fortificação numa bem planejada ofensiva. Tendo sido o seu primeiro ataque repelido, recuaram para suas trincheiras, as quais, soube-se mais tarde, foram escavadas uns cinco quilômetros em dois dias. Do ar, naquele dia, a névoa extendia-se de 60 metros acima do chão do vale, até 2.400 metros de altura, escondendo até mesmo os picos das montanhas. Os caças norte-americanos estavam rodopiando acima das nuvens, procurando uma fresta por onde pudessem cruzar os picos e alcançar o vale abaixo, quando o Major Fisher chegou. Foi êle quem encontrou a fresta (uma dissipação nas nuvens, e por tôda aquela tarde êle escoltou aviões, nuvens abaixo, para as várias missões em Ashau.

No dia seguinte, a muralha sul da fortificação tinha sido tomada, e os sobreviventes estavam resistindo na casamata norte. O acampamento estava completamente cercado pelas fôrças do Vietcong. Novamente, foi o Major Fisher que achou uma fresta nas nuvens e conduziu outros caças num mergulho de 2.400 metros ao vale abaixo. Para chegar a Ashau êles tinham então que nivelar e voar nove quilômetros pelo estreito vale, que tinha menos de um quilômetro e meio de largura. Por essa ocasião, pelo menos 20 posições antiaéreas haviam sido montadas nos espinhaços acima do vale. Com balas chocando-se contra seus aviões, êsses amadurecidos pilotos voaram até o forte de Ashau (um dos aviões atingidos retornou à base) e começaram a metralhar a muralha sul. No segundo assalto, o avião do major Dafford Myer foi atingido e incendiou-se. O motor espirou e parou. Estava muito baixo para arremeter. Com ajuda do rádio de Fisher, largou sua carga de bombas, e aterrou de barriga, conseguindo safar-se ileso. Correu para o lado da rampa e ocultou-se lá nas moitas. O Major Fisher veio dar uma espiada de uns

1. The Saturday Evening Post, de 4 de junho de 1966 dedicou seis páginas a essa missão. Uma descrição mais detalhada é dada lá.

oito metros acima da rampa, e todo o poder de fôgo inimigo no vale espoucou.

"Eu não podia ouvir muito do que se passava devido ao capacete que usávamos," disse Fisher, "mas para os companheiros lá no chão, nós estávamos sendo atingidos duramente. As balas traçantes eram muito ruins, e êles tinham alguns canhões bem grandes, lá."

Nos dez minutos que êle sobrevoou o pilôto abatido, após ter urgentemente chamado um helicóptero pelo rádio, o Major Fisher sopesou os fatôres implicados: (1) Sabia que os seus companheiros eram pilotos experimentados que sabiam como proteger um piloto no chão, (2) não poderia deixar um homem indefeso o tempo suficiente para passar pelas nuvens e guiar um helicóptero até ali, (3) um helicóptero não poderia mover-se com suficiente rapidez para descer e subir novamente através do anel de fôgo pesado, (4) sua base não lhe recomendou fazer o resgate por si mesmo, e êle sabia que seria tolice, mas (5) o homem abatido jamais sairia vivo se Fisher não fosse buscá-lo ràpidamente; o Vietcong não tomava prisioneiros em batalha. Analizando todos êsses fatôres, Bernie Fisher, que havia pedido para servir no Vietnam porquê queria experiência de combate para treinar outros pilotos, perguntou a si mesmo apenas uma coisa, "Está certo, ou está errado?"

"Muitas vêzes você sente que deveria fazer algo quando òbviamente os fatos indicam que não deveria," disse Fisher. "De acôrdo com os fatos, eu não deveria ter descido lá, de forma alguma. Nem planejava fazê-lo. Esperei. Finalmente, tinha que fazê-lo, senti que tinha de fazê-lo. Então pensei, "Bem, jamais fui decepcionado antes".

Minutos depois êle tinha sulcado o chão no fim de uma rampa demasiado curta, virou seu avião numa nuvem de poeira e taxiou de volta, ajudou a içar o homem abatido a bordo e decolou num avião crivado de balas cujos pneus haviam sido reduzidos a tiras, mas nenhum dos homens tinha um arranhão.

Esta, em resumo, é a história. Incrível? Sim, impossível. Mas aconteceu. Ninguém conhece tôdas as respostas. Inexplicàvelmente a equipe de manutenção tinha pôsto pneus novos no seu avião naquela manhã, e tinham feito uma revisão mais completa do que antes. Freios, motor, armamento — tudo estava em ótimas condições. Até mesmo o interior do aeroplano foi encerado e polido de maneira tal que Fisher mencionou-o no seu relatório do dia. Apressou-se também em creditar os três pilotos que o protegeram durante o resgate "Certamente êles foram um grande fator na minha decisão," disse êle, "Sem êles eu não teria obtido sucesso,"

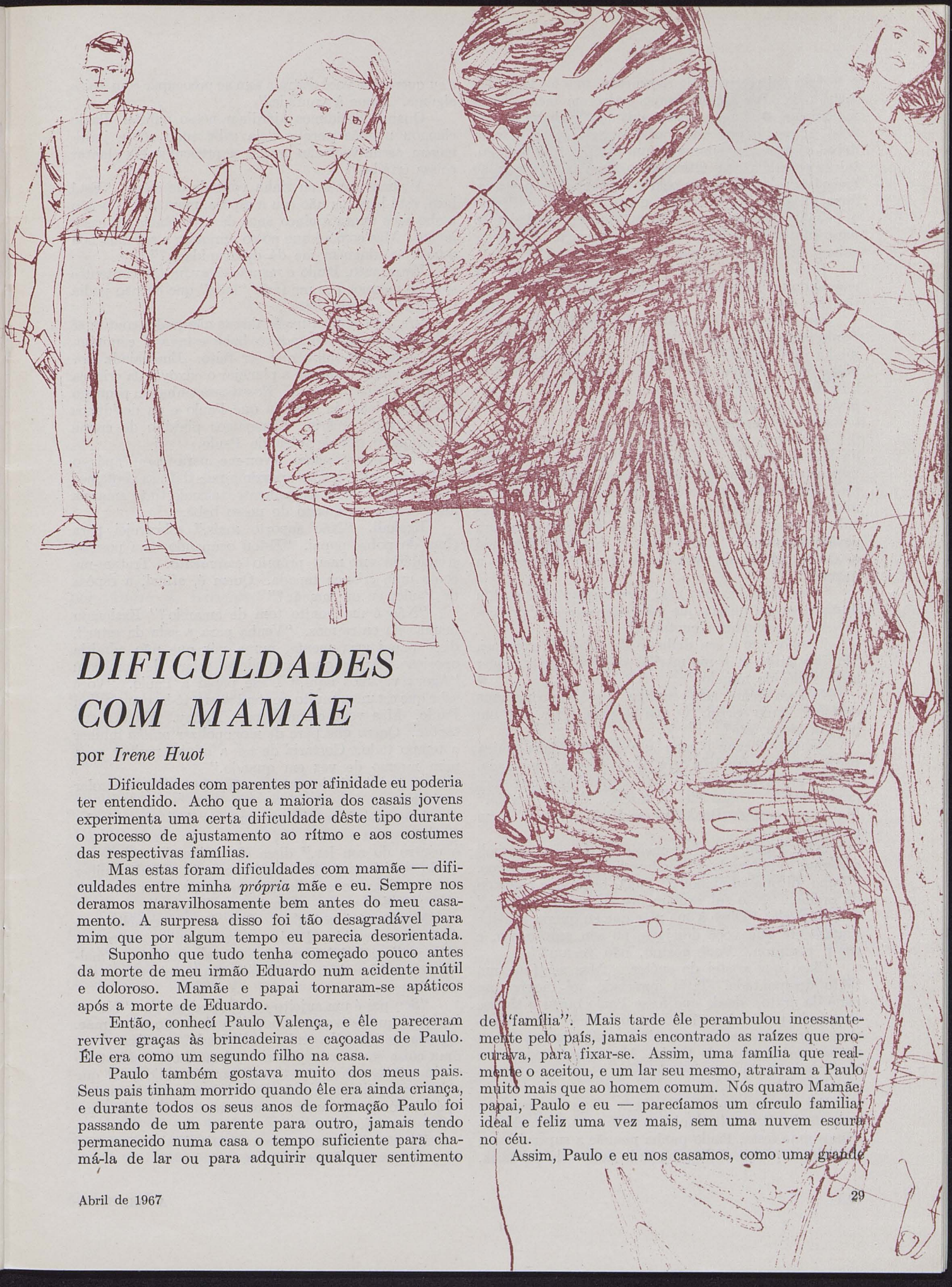
Antes de partir para o Vietnam o Major Fisher fôra superintendente da Escola Dominical. Agora na Alemanha, é conselheiro do presidente do ramo de Hahn.

"Devemos ter um código de vida", diz o Major Fisher. "Na vida, temos que ter uma base para tomar decisões, tal como para escrever algo, antes faz-se um rascunho ou não será consistente. Os ensinamentos de Cristo foram perfeitos. Disse-nos como viver, e quando não fazemos como diz, metemonos em dificuldades. O bêbedo não seria bêbedo se tivesse uma base para lealdade. Tenho que ser leal a mim mesmo — se consigo o que penso que é certo, não posso fazer mais do que isto." O "bordão" da fé serviu o bem.

O Major Fisher e seu Douglas Skyraidex — avião que êle voou no Vietnam.

Amante das crianças, Fisher fêz amigos entre a garotada.

O herói e sua família, vistos após seu retôrno do Vietnam. Na frente, da esquerda para a direita, Robbin, Irmã Fisher, Major Fisher e Timoth. Atrás, Courtney, Scott e Brad.



DIFICULDADES COM MAMÃE

por *Irene Huot*

Dificuldades com parentes por afinidade eu poderia ter entendido. Acho que a maioria dos casais jovens experimenta uma certa dificuldade dêste tipo durante o processo de ajustamento ao rítmo e aos costumes das respectivas famílias.

Mas estas foram dificuldades com mamãe — dificuldades entre minha *própria* mãe e eu. Sempre nos deramos maravilhosamente bem antes do meu casamento. A surpresa disso foi tão desagradável para mim que por algum tempo eu parecia desorientada.

Suponho que tudo tenha começado pouco antes da morte de meu irmão Eduardo num acidente inútil e doloroso. Mamãe e papai tornaram-se apáticos após a morte de Eduardo.

Então, conhecí Paulo Valença, e êle pareceram reviver graças às brincadeiras e caçoadas de Paulo. Êle era como um segundo filho na casa.

Paulo também gostava muito dos meus pais. Seus pais tinham morrido quando êle era ainda criança, e durante todos os seus anos de formação Paulo foi passando de um parente para outro, jamais tendo permanecido numa casa o tempo suficiente para chamá-la de lar ou para adquirir qualquer sentimento de "família". Mais tarde êle perambulou incessantemente pelo país, jamais encontrado as raízes que procurava, para fixar-se. Assim, uma família que realmente o aceitou, e um lar seu mesmo, atrairam a Paulo muito mais que ao homem comum. Nós quatro Mamãe, papai, Paulo e eu — parecíamos um círculo familiar ideal e feliz uma vez mais, sem uma nuvem escura no céu.

Assim, Paulo e eu nos casamos, como uma grande

e sensacional recepção de casamento, que foi idéia dos meus pais. Por algum tempo estiveram inclinados a me mimar — compensação, suponho, pela perda do filho único; e por essa razão deixei passar. Assim deixei-os convencerem-me de um casamento grandioso, talvez porque fosse a última chance que papai e mamãe teriam de me amimar, ou pelo menos eu assim pensava. Nem me passou pela mente, nessa ocasião, que Paulo e mamãe fariam uma pequena e alegre conspiração para continuar a tratar-me como criança. Pequenas coisas que Paulo dissera me alertaram.

Uma vez êle disse pensativamente: "De vez enquando me vem à mente, quanto me fez falta nunca ter tido um lar."

Disse-lhe eu: "Esta rotina diária não o caceteia?" Paulo puxou-me para si. "O que é cacete nisto de fazer minha espôsa feliz?" perguntou êle, encostando seus lábios nos meus cabelos. "Vou continuar a mantê-la feliz tal como estamos agora, querida. Você jamais terá que preocupar-se com *nada*. Você vai ver." E êle o disse solenemente, como promessa.

Começou, suponho, com a pequena mesa da vitrine da loja de móveis. "Talvez, se Paulo e eu economizarmos um pouquinho cada semana, poderemos comprar uma mesa como esta na primavera," disse eu a mamãe. Semanas mais tarde encontrei a mesa instalada na nossa sala de estar e Paulo sorrindo como um garôto traquinas. "Não é bonita," exclamou, correndo os dedos pela borda estriada da mesa. "Mas como a pagou?"

"Sem almoçar. Sua mãe disse quanto você gostou desta mesa, eu queria que você a tivesse sem preocupar-se em economizar centavos."

"Paulo, não o seu dinheiro do almoço," exclamei. "Prefiro muito mais um marido saudável que qualquer mesa velha do mundo."

"Vá em frente, ralhe comigo. Você sôa como uma espôsa." Paulo sorriu, O que se pode fazer com um homem como êste?

Quando chegou o meu aniversário, minha amiga Ruth riu, com seus três anos de experiência de casada, "Paulo provàvelmente vai lhe comprar algo que você nunca usará. Todos êles o fazem. Espere e veja." Mas o presente de Paulo foi um lindo suéter lilás em cachimir.

"Oh, Paulo, era justamente o que eu queria," exclamei, abraçando-o pendurada ao seu pescoço. "Como foi que adivinhou?" Paulo beijou-me o lóbulo da orelha. "Não foi exatamente eu quem comprei," confessou êle. "Disse à sua mãe que eu queria dar-lhe exatamente que você desejasse no seu aniversário, e ela o comprou. Você gostou, não gostou?"

Claro que gostei do suéter. Mas sentí-me um tanto desapontada. Teria apreciado até mesmo um pano de prato, desde que fosse Paulo quem o tivesse comprado para mim. Tendo sido mamãe que o comprou o tornou menos pessoal; era de alguma forma menos um presente de Paulo. Mas o que poderia eu dizer com Paulo me olhando com o seu coração nos olhos?

Foi sempre assim. Não era o meu casamento e de Paulo. Era o de Paulo, mamãe e eu. Quando davamos uma festa, Paulo punha mamãe a supervisionar o cardápio porque "ela sabe tudo acêrca de culinária, e eu quero que você distraia sem se preocupar com coisa alguma. Fique à vontade."

Quando decidimos ajardinar nosso quintal, Paulo chamou mamãe porque "ela sabe tudo sôbre jardinagem, assim você não precisa se preocupar em plantar coisas erradas."

Algumas vêzes eu tinha vontade de dizer, "Está bem, está bem, eu não sou a espôsa, mamãe é. Eu não tenho seus trinta e cinco anos de experiência no casamento. Mas como é que posso aprender a ser uma boa espôsa se ninguém me dá oportunidade?"

Entretanto, Paulo e mamãe estavam tão contentes consigo mesmos por me fazer "feliz" que eu não podia estragar a alegria dêles.

Ora, mas uma situação dessas não podia continuar indefinidamente. Quando o bebê estava a caminho, sabia que algo tinha que ser feito. Encorajada por Paulo. mamãe começou a planejar o enxóval da criança como se o bebê fosse dela. Nossa casa tinha um pequeno quarto ao lado da cozinha que Paulo e eu decidimos usá-lo como berçário. Planejamos pintá-lo de creme no primeiro dia de folga de Paulo.

Uma noite, papai levou-me para casa, após o ensaio do côro. Ao nos aproximarmos da casa podiamos ver mamãe e Paulo alegremente, tacando tinta amarela nas paredes do quarto do nosso bebê.

Explodi. "Não suporto mais," esbravejei para cima do pobre papai. "Estou ocupando uma posição secundária em meu próprio casamento. Tratam-me como uma criança tapada. Quem é, afinal, a espôsa de Paulo, eu ou mamãe?"

"Não é um bonito tom de amarelo?" Exclamou mamãe ao entrarmos. "Venha para a sala de estar", disse papai gravemente, numa vóz que não admitia oposição. Antes que eu pudesse falar, êle começou: "Agora vejamos aqui," Disse papai a Paulo. "Você sabe que estamos muito contentes em tê-lo como filho, Paulo. Mas você casou-se com Nancy. *Ela* é a sua espôsa. Quero que pare de monopolizar *minha* mulher o tempo todo. Gostaria de ter a minha mulher para mim mesmo de vez em quando."

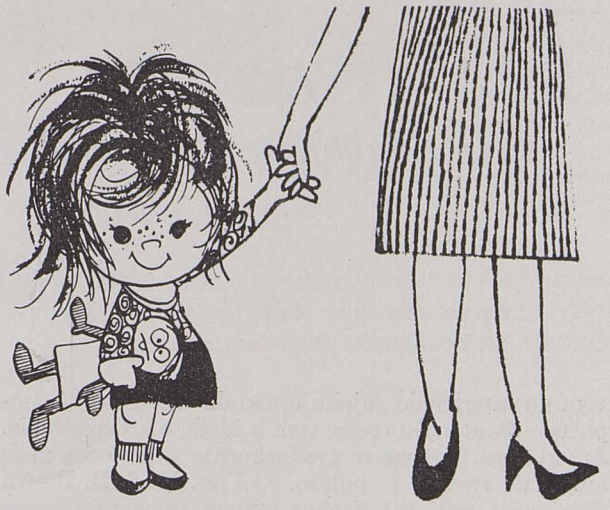
"Papai!" Exclamou mamãe, tentando, controlar a situação.

Mas papai continuou sem se dar por achado. Virou-se para mamãe. "Nancy tem o direito de ser o centro do seu lar," disse êle. Olhando mamãe de modo significativo, disse enfáticamente, "Tôda mulher deseja cuidar do seu lar privadamente, com seu próprio marido—se for mesmo uma "espôsa".

Mamãe foi atingida. Sua face avermelhou-se. Após terem saido, Paulo pareceu muito pensativo. Não podia adivinhar o que estaria pensando. Finalmente, na hora de irmos dormir, Paulo enlaçou-me nos seus braços.

"Seu pai é um sujeito e tanto," disse êle. "Nunca imaginei que estivesse monopolizando tanto a sua mãe. Agrada-me que êle tenha endireitado as coisas. Ora, uma coisa como esta poderia até mesmo causar atrito entre nós se você não tivesse compreendido, E que coisa maravilhosa sentir-se assim quanto à espôsa, após todos êstes anos de casamento. É assim que quero que seja conosco."

Eu não disse uma palavra. Afinal, algumas vêzes as palavras são desnecessárias.



As crianças pequenas gostam de aprender — gostam de examinar, explorar e descobrir. Oriente-as a aprender as maravilhas do mundo em cada semana quando . . .

As mãos delas buscam as suas

por Addie J. Gilmore

É um desafio para os professôres de crianças pequenas a rara combinação de três características ou atributos essenciais ao aprendizado: interêsse, motivação e amplitude de atenção. Estas são normalmente encontradas em vários graus em tôdas as crianças pequenas.

O interêsse e a motivação são estáveis. Parecem embutidos — prontos para a ação. A amplitude da atenção, entretanto, fica muito atraz. É chocantemente pequena. O desafio para despertá-la e aumentá-la é constante.

Como poderiam os professôres planejar, considerando isso? Como podem fazer da Escola Dominical uma experiência de paz, felicidade, adoração e aprendizado?

Os professôres encontram muitas respostas projetando-se no mundo infantil. Vêem o mundo da criança através dos olhos dela e sabem quais são seus interêsses e atividades. Para adquirirmos êste conhecimento, observemos a criança em ação.

O MUNDO DAS CRIANÇAS

É maravilhoso e notável o mundo das crianças. Para elas está cheio de maravilhas. É um lugar e uma ocasião de examinar, explorar e descobrir. Surpresas, emoções e excitamento e primeiras experiências, ocorrem em rápida sucessão.

O interêsse é agudo. A motivação é constante. São fortes os sentimentos de querer saber, ver, fazer, possuir ou tomar parte em tudo o que se passa à sua volta. Êste é o estágio perceptivo do aprendizado.

Por natureza as crianças são indivíduos de ação. Correm, pulam, rolam, empurram e trepam. A inerente atração pelo movimento é quase constante.

Assim são as crianças no período formativo da vida. O conhecimento e a compreensão delas é crìticamente importante na determinação de como planejar lições e tipos de orientação que sejam os mais eficientes.

PREPARO PARA ENSINAR

A oração pedindo orientação e inspiração devem ser o primeiro passo no preparo. O Salvador disse:

Ensinai diligentemente e a minha graça vos atenderá, para que sejais instruídos mais perfeitamente em teoria, em princípio, em doutrina, na lei do evangelho, e em tôdas as coisas que pertencem ao reino de Deus, e que vos é necessário compreender. (Doutrina e Convênios 88:78).

Faça e use um plano de lição. Deixe as promessas desta escritura guiá-lo. Considere as necessidades das crianças e os conceitos da lição.

AMPLITUDE DA ATENÇÃO

Normalmente, a amplitude da atenção é muito pequena nas crianças muito pequenas. Segundo os estudos realizados na Universidade Estadual de Iowa,[1] a habilidade de concentrar ou manter a atenção

1. Glenn R. Hawkes, Damaris Pease, *Behavior and Develomente form 5 to 12* Harper and Bros. Publishers, New York, NY

"O Senhor sempre toma as pessoas como são, e então as conduz gradualmente á aquilo que deseja que sejam."

vem do interior do sujeito e não do ambiente. A amplitude da atenção cresce com a idade e a experiência. As crianças ajustam-se gradualmente a períodos mais longos de atenção e audição. O Pres. Hugh B. Brown disse certa vez, "O Senhor sempre toma as pessoas tais como são, e então as conduz gradualmente àquilo que deseja que sejam." O aprendizado será acelerado pela paciência, compreensão, interêsse e atitude receptiva dos adultos. Para manter e aumentar a amplitude da atenção dos membros da classe, as seguintes sugestões podem ser úteis.

1. Cuide de tôdas necessidades

(*a*) Crie um ambiente receptivo e animado na classe. Esteja à vontade!
(*b*) Providencie assentos confortáveis, espaço e facilidades adequadas.
(*c*) Evite aglomeração. Mantenha grupos pequenos — 10 a 12 crianças.
(*d*) Certifique-se de que todos possam ver e ouvir o que se passa.
(*e*) Equilibre as ocasiões de ouvir, sentar-se em silêncio e agir.
(*f*) Esteja alerta ao desassocêgo, à fadiga ou à uma possível doença.
(*g*) Ouça os comentários das crianças; responda às suas perguntas, encorage a conversação.
(*h*) Providencie curtas atividades conforme as necessidades (um poema, canção ou recreio). Então continue a lição.
(*i*) Dramatize as imitações com os dedos — crianças moderadamente pulando como coelhos, voando como pássaros, etc., em lugar de usar os dedos.
(*j*) Participe quando possível no serviço de culto: discursos de 2 minutos e meio e jóias sacramentais.
(*k*) Para variar, quando as crianças estão barulhentas, experimente o "Jôgo do Silêncio" usado por Clare S. Matthews, Diretora da Memorial Nursery School, Nova York, NY(2) Quando elas se tornam barulhentas, ela faz com que se acalmem e cada uma pensa quão silenciosas as coisas podem ser. Em círculo, uma por vez vão dizendo suavemente:
Tão silencioso quanto a neve caindo
Tão silencioso quanto a neve fundindo
Tão silencioso quanto um coelhinho saltando
Tão silencioso quanto um gatinho andando
Eventualmente adapte isto para:
Tão silencioso quanto o serviço de culto
Tão silencioso quanto o momento da oração
Tão silencioso quanto a ocasião do sacramento

2. The Journal of Nursery Education, abril 1963, publicado pela National Association for Hursery Education.

2. Varie as Apresentações das Lições

(*a*) Narração de histórias, conversação
(*b*) Flanelógrafo
(*c*) Quadro negro
(*d*) Mesa de areia
(*e*) Painel de encaixes com figuras
(*f*) Lanterna com figuras, etc.

3. Auxílios Visuais

Selecione-os cuidadosamente, pois salientam e apóiam o desenvolvimento dos objetivos da lição. O *auxílio certo* no *momento certo* pode tornar-se um poderoso auxílio didático.

(*a*) *Figuras*: do pacote de figuras do Curso, da biblioteca da ala, e de coleções pessoais. Ao serem usadas pequenas figuras, monte-as sôbre papel de colagem.

(*b*) *Objetos*: rochas, areia, conchas, frutas, carôços, flôres, alimentos. Use-os quando estiver estudando o "Maravilhoso Mundo", "Alimentos Bons Para Nós", etc. Use pacotes "surpresas".

(*c*) *Pessoas*: A mãe e seu bebê — para lições sôbre a família, nenês, etc. ou o bispo e outros líderes da Igreja.

(*d*) *Pequenos Animais Vivos*: preferìvelmente trazidos pelo professor — um peixinho dourado, uma tartaruguinha, um pássaro numa gaiola, um gatinho, um cãozinho; etc. Use quando falar sôbre a natureza, bondade, e sôbre o cuidado com animais de estimação.

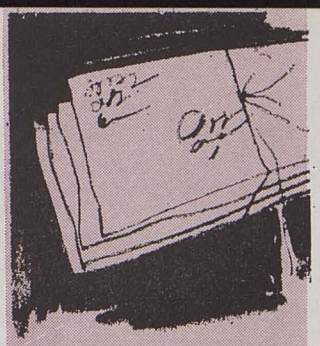
(*e*) *Figuras Familiares*: borracha, madeira, plástico.

(*f*) *Figuras da Comunidade*:.

Êstes auxílios visuais devem ser poucos; procure alguns invulgares e atrativos. Não os embaralhe! Use apenas uns poucos auxílios visuais em cada lição. Use apenas os *mais indicados*.

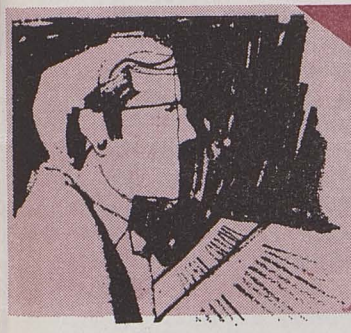
Utilize a poesia com as figuras apropriadas para aproveitar a alegria do ritmo. Empregue canções e dramatize os versos.

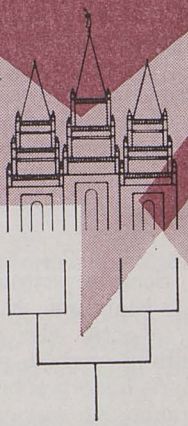
A infância é o período formativo da vida, o momento para agir e aprender. Aguarde as ocasiões de ensinar. Malhe enquanto o ferro estiver quente!



PROPÓSITO NA VIDA

Na lição anterior discutimos nosso parentesco com Deus. Êste mês discutiremos qual é o propósito da nossa estada neste mundo.





Na lição anterior discutimos "Quem Sou Eu?." Concluimos que somos literalmente filhos e filhas de Deus, o Pai Eterno, e que fomos escolhidos mesmo antes da fundação do mundo. Tivemos nome e organização familiar antes de nacermos. (Ef. 3:14-15).

Êste mês discutiremos o propósito da vida. Ao aceitar-mos as escrituras devemos aceitar também a verdade de que Deus organizou a terra e tudo que nela existe. O salmista escreveu: "Do Senhor é a terra e a sua plenitude, o mundo e os que nêle habitam. Porque êle a fundou sôbre os mares, e a firmou sôbre os rios." (Sl.24:1-2). Lemos ainda: "Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os moradores da terra. Sabei que o Senhor é Deus, foi êle e não nós, que nos fêz povo seu e ovelhas do seu pasto." (Sl.100:3). Então, se o nosso Pai Celestial, verdadeiramente, organizou o mundo e tudo o que nêle há, é razoável, tanto pelas escrituras como na realidade, que Deus conhecia o fim desde o princípio. (Is. 46:9-10). Quando Moisés estava com Deus no monte sagrado, o Senhor disse: "Pois eis que, está é a minha obra e minha glória: conseguir a imortalidade e a vida eterna do homem." (PGV— Moisés 1:39) É desejo e esperança do nosso que todos os seus filhos sejam salvos e venham a conhecer a verdade. (I Tm. 2:4) Foi com êsse propósito que Jesus Cristo veio ao mundo e sacrificou a sua vida. Quando Jesus estava na terra em Jerusalém, disse: "Porque Deus amou a mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fôsse salvo por êle." (Jo 3:16-17)

Foi-nos dado o privilégio de vir à terra onde teríamos a oportunidade de tomar sôbre nós um corpo de carne e ossos de modo que pudessemos, mediante uma vida de retidão, tornarmo-nos como nosso Pai Celestial. (D&C 88:15-22) Um outro propósito da vida terrena é a de dar-nos a inapreciável capacidade de caminhar pela fé. Noutras palavras, estamos aqui para nos provarmos. Isso foi declarado em linguagem muito compreensível ao nosso Pai Abrão, quando o Senhor lhe disse, mesmo antes da fundação do mundo, que êle, o Senhor, "Os provaremos com isto, para ver se êles farão tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandar." (PGV, Abrão 3:25)

O autor da epístola aos Hebreus diz que os justos viverão pela fé, e que se o fizerem, será para a salvação

da alma. (Hb. 10:38-39)

Portanto, se as escrituras nos dizem e a revelação do Espírito Santo o testemunha à nossa alma, que Deus criou seus filhos, formou e organizou a terra para a terra para a sua habitação e providênciou os modos e os meios de podermos retornar à sua santa presença, deve haver um propósito divino em todo acontecimento da vida.

Para que possamos encontrar o caminho de volta à sua presença deve haver leis e ordenanças as quais o Pai nos daria como guia seguro e caminho. Essas ordenanças e leis nos devem ser dadas para nos ligar a Êle, eternamente. Sabemos que devemos caminhar pela fé nesta vida mortal. Após adquirir a necessária fé, deve haver alguns sinais ou obras pelos quais podemos demonstrar ao nosso Criador que estamos dipostos a seguir os seus caminhos e guardar os seus mandamentos. Os princípios de união são chamados ordenanças do Evangelho de Jesus Cristo.

O próprio Jesus Cristo disse que para que um homem pudesse ser salvo na presença de Deus, o Pai Eterno, deveria ser batizado na água e no espírito. Pois a menos que isso fosse feito, disse o Mestre, não poderia entrar no Reino de Deus. (Jo. 3:3-6). Há outras ordenanças assenciais que necessitamos, e que nos unirão ao Pai Celestial e nos ajudarão a encontrar nosso caminho de volta a Êle. Os irmãos da Igreja precisam viver uma vida digna para que assim possam ser ordenados ao Sacerdócio de Melquisedeque. O Senhor disse a Joseph Smith, o Profeta, que sem êste sacerdócio, nenhum homem poderia ver a face de Deus, e viver. (D&C 88:19-23).

Vemos assim que as ordenanças do Santo Sacerdócio tal como administradas nos templos do Senhor são necessárias para que sejamos ligados ao Pai Celetial e entremos no Seu descanso celestial. Mas se são importantes para nós, são importantes para as nossas famílias, nossos bem-amados e amigos. Deus providênciou para que a medida que adquirimos o espírito e a compreensão do Evangelho, e que êle penetra as nossas vidas, podemos mediante o amor e a fé, providenciar essas mesmas ordenanças de ligação para os nossos entes queridos que já se passaram desta esfera terrestre, pois continuam como almas viventes à vista de Deus e necessitam as mesmas ordenanças e verdades que necessitamos para receber as mesmas bênçãos, e para que lhes seja concedida a vida eterna. Nas palavras do Profeta Joseph Smith: "Tendes o poder de selar na terra e no céu, então deveis ser sábios. A primeira coisa que deveis fazer é irdes e selardes na terra os vossos filhos e filhas a vós mesmos, e vós mesmos aos vossos pais e glória eterna."

O Contador de...

(*conclusão da pág.* 11)

Mais tarde, após terem os aldeões saido do pátio na calada da noite, Matula e seus pais insistiram que o velho contador de histórias dormisse no pátio, para passar a noite.

Horas depois de sua família estar dormindo profundamente nos estrados ao seu lado, Matula ainda estava acordada recordando as histórias.

Sempre, pensou ela, embora não as possa escrever, eu as lembrarei. Eu as contarei aos meus filhos algum dia, e então êles contarão aos filhos dêles. Então, meditou, sorrindo para si mesma, acrescentarei minha própria história sôbre a noite em que encontrei o exausto estranho, ao lado da estrada. Será o mais emocionante de todos os finais.

QUALQUER OCASIÃO É OCASIÃO
PARA VOCÊ LER E ASSINAR

A LIAHONA

Presenteie seus Parentes e Amigos
mensalmente com uma lembrança sua.

Um Clamor Sagrado

por *Alexander Schreiner*

Hino para a Escola Dominical Sênior para o mês de Junho

HINO: "Sê Bem-vindo Dia Santo"; autor: R. B. Baird; Compositor; Ebenezer Beesley; *Hinos — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos Dias*, n.º 143.

Robert Bell Baird nasceu em Glasgow, Escócia, 1855. Veio para a América, tendo se estabelecido em Willard, Utah, por volta do ano de 1863. Não muito depois, Evan Stephens, autor e compositor de muitos outros hinos SUD, também veio morar em Willard. Os dois jovens, sem dúvida, vieram a conhecer-se bem, porque Evan Stephens lá começou sua grande carreira na música; e o irmão Baird era o líder do côro da ala de Willard. Também ensinou música nas escolas de Willard.

Ebenezer Beesley nasceu em Oxfordshire, Inglaterra, em 1840. Imigrou para o Utah em 1859. Foi mais tarde diretor do Côro do Tabernáculo de Salt Lake por mais de nove anos.

Aqui temos uma velha canção dos primeiros dias da nossa Escola Dominical, quando era frequentada sòmente pelas crianças, e o sacramento não fazia parte da reunião.

O texto indica que estamos cantando alegremente um para o outro, dando boas vindas uns aos outros ao melhor de todos os lugares da manhã de domingo. Embora as palavras não sejam endereçadas diretamente ao nosso Pai Celestial, assim mesmo podemos nos lembrar de que as estamos cantando na presença do Senhor, na Sua casa de oração, e no Seu dia santo.

As sugestões do salmista são aplicáveis aqui: "Celebrai com júbilo ao Senhor, todos os moradores da terra. Servi ao Senhor com alegria; e apresentai-vos a êle com canto." (*Salmo* 100:1-2) "Exultem os santos na glória, cantem com alegria. . ." (*Salmo* 149:5).

Ao Regente e ao Organista

A análise desta música traz à luz alguns fatos interessantes. Foi escrita como dueto para crianças — meninos e meninos — com as vozes dos garotos ainda não mudadas. Não era destinada ao canto em quatro vozes, para côros, nem ao canto congregacional em quatro vozes.

Em primeiro lugar, um homem não poderá cantar contralto, porque um contralto cantado uma oitava mais baixo é um som desagradável. Não é musical. Isto significa que todos os homens devem cantar a melodia ou o baixo, e êste último é bastante desinteressante e zumbe. A parte do contralto fica então disponível apenas às vozes femininas.

Em segundo lugar, a melodia jaz mais alto; muito alto para os nossos atuais pianos e órgãos de afinação grave. Deveria portanto ser transposto para a clave de dó. Isto fará um maravilhoso projeto para o organista. Os resultados bem valerão os esforços.

Terceiro, se você está realmente ansioso para conseguir êste "clamor sagrado" de sons, ponha tôdas as vozes masculinas cantando a melodia, junto com os sopranos. Todos os grandes compositores têm compreendido e praticado êste princípio na expressão dos seus mais ternos sentimentos. Quando Tchaikowsky produziu seus sons mais fortes, manteve a sua melodia à tona fazendo com que fôsse apresentada pelos segundos violinos, uma oitava mais alto pelos primeiros violinos e uma oitava mais baixo pelos violoncelos. Esta melodia simultânea em três oitavas produz um luxuriante efeito. Nos metais, a melodia é frequentemente apresentada sòmente pelos clarinetes e trombetas no nível de soprano, mas é também apoiada pelo eufônio e ocasionalmente pelos trombones, uma oitava mais alto. Os resultados são surpreendentemente belos.

Atualmente, parece que em todo lugar as senhoras preferem cantar gentilmente segundo o modêlo daquela amável senhora Annie Laurie, cuja voz era macia e baixa. Tais vozes suaves não produzem suficiente volume para uma melodia soprano conveniente.

Portanto, se desejam conseguir real potência ao cantar êste hino, façam-no em clave de dó, e deixem os demais cantar melodia. Deixe o órgão conduzir a harmonia. Na consonância há fôrça — e a potência das vozes congregacionais é conseguida por uma melodia em consonância e oitavas.

JÓIAS SACRAMENTAIS DE JUNHO

Escolas Dominical Sênior

"E o élder ou sacerdote o administrará. . ." D&C 20:76

Escola Dominical Júnior

"E disse Jesus: deixo-vos a paz. . ." *João* 14:27.

FIEIS ATENDER TUA VOZ

por *Mary W. Jensen*

Hino para a Escola Dominical Júnior para o mês de junho

HINO: "Damos Graças a Ti"; autor William Fowler; compositor, Mrs. Norton; *As Crianças Cantam*, 3 *Hinos*, 147

As crianças precisam de segurança. Devem ter certeza de que certas coisas a se fazer estão sempre certas e que outras não são aprovadas, não só pelos adultos, mas também por nosso Pai Celestial. Um dos confortos da vida está em têrmos um profeta para nos guiar e dizer-nos como agradar nosso Pai nos céus.

Com a disponibilidade das modernas comunicações, muitos de nós podem ver e ouvir nosso amado profeta. Êle envia constantemente mensagens a nós que nos guiarão no caminho da perfeição se vivermos como êle diz.

Ao Regente:

Antes de apresentar "Damos a Graças a Ti" mostre um retrato do Presidente David O. McKay. Uma frase explicando que êle é o profeta que nos está guiando em tudo é a explicação necessária. Faça isto ao ser apresentado o hino. Nos domingos seguintes você poderá mostrar o retrato novamente e perguntar quem é.

Pela sua atitude você poderá ajudar as crianças sentirem que é uma alegria seguir a um profeta; que é um prazer e um privilégio servir na Igreja e que devem sempre ser "fiéis atender tua voz".

Muitas crianças conhecerão êste hino. É atraente a elas, e frequentemente usado. Seu grupo determinará como ensiná-lo. Quando começar a cantar para êles, se muitos quizerem cantar consigo, você saberá que é um hino que já aprenderam e não precisará ensiná-lo de cor. Se não puderem cantá-lo sem ajuda, ensine-os a decorar tal como foi sugerido à pág. 22 do Guia para Regentes e Organistas da Escola Dominical Júnior.

Ao Organista:

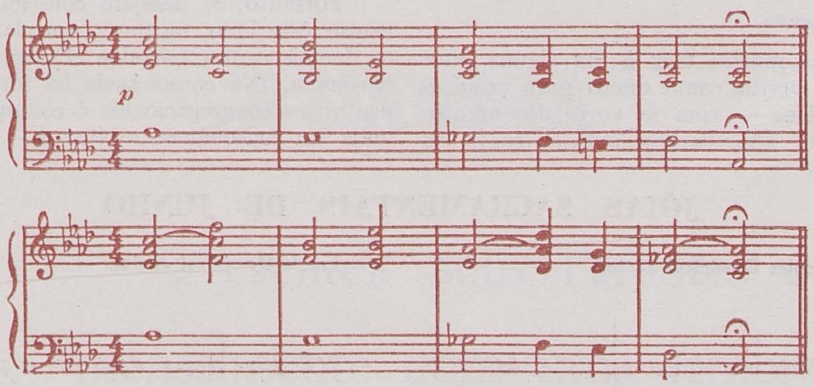
Toque o hino tal como está escrito. Muitas crianças estarão familiarizadas com a melodia e não precisarão da sua ajuda em determiná-lo.

O ritmo é o problema dêste hino. Esteja certo de dar todo o valor às colcheias e semicolcheias que lhe seguem caindo no devido tempo. A menos que pratique bastante o hino, você irá necessàriamente prolongar as semicolcheias enquanto procurar as notas que seguem. Ao fazer isto, o ritmo tende a igualar-se em vez de manter-se desigual tal como está escrito. Isto estraga a cadência da música.

Toque o acompanhamento firmemente mais não alto. Raras vêzes você ensina um hino com o qual tantas crianças estejam familiarizadas. Quando usa material estranho, o órgão ou o piano é frequentemente usado para auxiliar a melodia. Neste mês você pode acrescentar variedade e interêsse, tocando todo o acompanhamento.

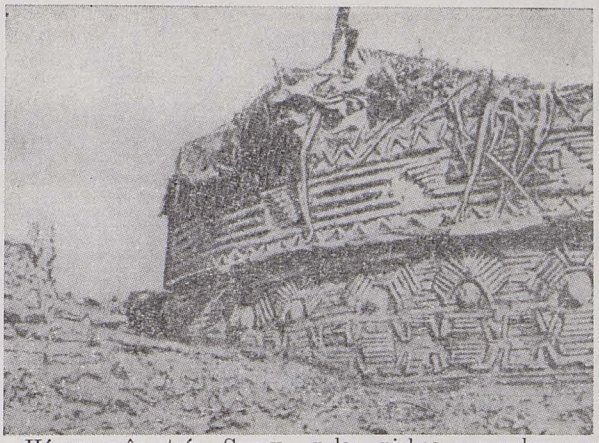
ACOMPANHAMENTO AO ORGÃO PARA AS JÓIAS SACRAMENTAIS DE JUNHO

LENTO **TRACY Y. CANNON**



FABULOSAS RUINAS ENCONTRADAS NO PERU

LIMA, 14 (UPI) (JAN. 67) — Machu-Pichu, as magníficas ruínas incaicas dos Andes, poderão brevemente ficar em segundo lugar devido as recentes descobertas de fabulosas ruínas nas selvas das montanhas ao norte do Peru. Gene Savoy, explorador e fotógrafo americano, que conduziu quatro expedições à área, atribui o vasto complexo de fortalezas e templos à cultura pré-Inca Chachapoya, e designou sua cidade central Monte Perúvia. As ruínas espalham-se por quase duzentos quilômetros quadrados de selva montanhosa, próximas à Chachapoyas, 600 quilômetros ao norte de Lima.



Há um mês atrás, Savoy completou sua segunda expedição à área, descoberta por seu grupo, anteriormente. A última expedição descobriu um segundo conjunto de ruínas, provisòriamente designado Muyoc Viejo, cêrca de 50 km. ao sul.

Monte Perúvia é uma metrópole de calcáreo branco contendo centenas de residências, terraços agrícolas, palácios, templos e estradas de pedra. Alguns dos edifícios têm dois ou três andares de altura, contendo portas, janelas, nichos e escadas com até 90 metros de comprimento.

Embora as ruínas devam conter esculturas, isto sòmente será verificado após a remoção da vegetação que cobre os edifícios, por competentes arqueólogos. Machu-Pichu também estava inteiramente coberta de densa vegetação ao ser descoberta por Henry Bingham em 1910.

Monte Perúvia teria sido construída no tôpo de uma série de montes, à uma altitude de 3.000 metros. Foram encontrados vestígios de estradas conduzindo da cidade ao âmago da selva, onde foram encontradas quatro cidades satélites e várias estruturas de templos e estabelecimentos agrícolas.

Na opinião de Savoy, a descoberta abre caminho a novos estudos do passado peruano e poderá abalar os conceitos tradicionais da origem da cultura peruana. Até agora, as investigações têm se concentrado nos desertos costeiros dos andes, sem contudo dar respostas definitivas aos primórdios da civilização desta área.

Savoy julga que a resposta possa estar nas selvas e supõe que possa ser um elo entre as antigas culturas peruana, mexicanas e centro-americana como a dos Maias e Aztecas, com comunicação via selva.

Os Chacha, ou Chachapoyas continuam a ser um mistério para os arqueólogos. Sabe-se que essa cultura floresceu na selva norte-peruana, tendo sido finalmente conquistada pelos Incas em 1480, apenas 50 antes de Pizarro desembarcar para iniciar a Conquista do Peru.

JUVENTUDE MORMON EM CONFERENCIA

CURITIBA, 6 (FEV. 67) — Encerrou-se na capital paranaense a Conferência dos Jovens SUD, certame que contou com a participação de 225 rapazes e moças congregados de várias regiões do país. Cumprindo extensa agenda de atividades, os jovens certamistas divertiram-se e instruiram-se durante os três dias de duração do congresso, oportunidade em que pôde-se constatar um elevado padrão de comportamento e espiritualidade, que caracterizam os santos dos últimos dias.

Sob a presidência dos presidentes de missão, deu-se a abertura da conferência às 11 horas do dia 4. O discurso inaugural do certame, proferido pelo Pres. C. Elmo Terner, da Missão Brasileira do Sul, versou sôbre o tema do congresso: "O Coração Alegre Aformoseia o Rosto, mas o Coração Triste Abala o Espírito" (Pv. 15:13), tendo em seguida discorrido sôbre a importância das uniões matrimoniais entre jovens mórmons, de preferência a casamentos fora da Igreja, sendo o propósito da conferência não só salientar êste assunto mas também promover oportunidades para que os jovens alí pudessem encontrar seus pares.

A seguir, foi oferecido um almôço na Casa do Estudante Universitário, que alojava os rapazes congressistas. (As jovens alojaram-se na capela). Durante todo o certame os jovens tiveram à sua disposição assistência médica.

A jornada teve sequência com disputadíssima competição esportiva em várias modalidades, tendo sido coroado o dia de abertura com um baile de confraternização abrilhantado por orquestra local.

No domingo, o programa de atividade teve início com uma edificante reunião de testemunhos, ocasião em que 80 jovens tiveram oportunidade de exprimir seus sentimentos concernentes à Igreja.

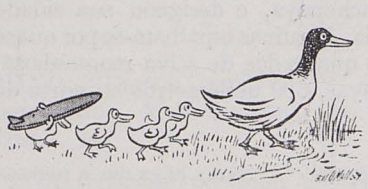
Foi das mais destacadas a participação da delegação gaúcha. Os jovens de Pôrto Alegre sagraram-se vencedores não só da rodada esportiva,

como também dos dois concursos levados a efeito na tarde de domingo, quando disputou-se oratória e conhecimentos do evangelho. Foi destacado também o espírito de amor e união destes brilhantes jovens.

Uma noitada de teatro encerrou o domingo, quando então foi apresentada a peça "Isto Poderia Acontecer a Você!" que tratou de aspectos do mundo espiritual, dramatizando o programa de genealogia.

O encerramento, na segunda-feira, contou em sua agenda com importantes pronunciamentos das presidências de missões. O Pres. Turner voltou a pronunciar-se, desta vez abordando a importância de os rapazes prepararem-se para cumprir missões e as moças prepararem-se para o sagrado papel de mãe. O Pres. Lloyd B. Hicken, da Missão Brasileira, expressou-se com autoridade sôbre o plano de progresso eterno, salientando aspectos de eternidade, da brevidade da vida, e seu propósito. Fizeram-se ainda ouvir seus conselheiros em inspiradoras mensagens. O término desta reunião foi filmado para posterior apresentação nos vídeos de Curitiba e Pôrto Alegre.

O certame, após brilhante show de talentos, teve seu encerramento com magnífico baile oferecido às varias delegações. Ao que parece, a Conferência dos Jovens teve seu propósito coroado de êxito, dos três casais existentes no seu início ao encerrar-se o congresso fazia mais de vinte



A oração não é para vencer a relutância de Deus, mas para ganhar a sua boa-vontade. — Phillips Brooks

Falta de cuidado causa mais prejuízo que falta de conhecimento. — Benjamin Franklin

Seu coração era grande como o mundo, mas ali não havia espaço para guardar memória de nenhum êrro. — Emerson

"Puxa, como você está bonita hoje!"
"Adulador".
"No duro. Tive que olhá-la duas vêzes antes de a reconhecer!"

Quase sem exceção, quando uma pessoa deixa a Igreja, é devido a alguma transgressão. — Pres. Joseph Fielding Smith.

— Eu estava tentando comunicar "inconstitucionalìssimamente!"

O que quer que você tenha sido, seu futuro está imaculado.

Espôsa: — Não sei porque você vive sentado aí no banquinho do piano quando temos visita. Que eu saiba, você não sabe tocar uma nota.
Marido: — Eu sei, querida, é que enquanto eu estiver aqui ninguém mais toca.

Zé: "O que é que você está mascando?"
Tião: "Chiclete mágico — quanto mais a gente masca, mais esperto fica."
Zé: "Me dá um?"
Tião: "Dar não dou, vendo. Dois contos cada."
Zé: "Aqui estão os dois contos, me dá o chiclete."
Tião: "Pega."
Zé: "Ué, não estou sentindo nada. Acho que você me passou a perna."
Tião: "Viu. Já está fazendo efeito."

Artigo de Capa

A preocupação quotidiana com as necessidades materiais da vida, com aquêles mínimos indispensáveis à sobrevivência, geralmente ultrapassa de muito o que estaríamos dispostos a admitir à primeira vista.

O que dispendemos em tempo e energia, simplesmente para provermos nossas famílias com a necessária alimentação: "o pão nosso de cada dia", representa uma tremenda aplicação de esfôrço; e se somarmos a isso a atividade necessária para o suprimento das demais necessidades de vestuário, moradia, tratamento de saúde etc., ficaremos assombrados.

Nossa existência decorre numa roda viva de preocupação e esfôrço que é um autêntico círculo vicioso: trabalhamos para comprar o alimento que nos permitirá continuarmos vivos, para trabalharmos e têrmos novamente o suficiente para o alimento... e assim por diante. E certamente o mesmo raciocínio é perfeitamente aplicável a todos os demais aspectos materiais da vida.

Tão ásperas são as condições dessa luta na maioria dos casos, tão difícil a disputa diária dêsses itens indispensáveis à sobrevivência, que muitas vêzes não chegamos nem mesmo a perceber o absurdo da situação em que vivemos, nem temos tempo e fôrças para erguer a cabeça e perscrutar o horizonte a ver se há algo de diferente, uma nova luz, algum albor que prenuncie esperança. Tudo se resume, para nós, no interminável caminho que se estende à frente e que percorremos cabisbaixos como lerdos bois condenados a levar, estrada a fora, o pêso do jugo sôbre a cerviz.

Se um dia nos detivermos para analisar êste terrível círculo vicioso que nos escraviza, sentir-nos-emos irremediàvelmente deprimidos ante a aparente inutilidade de tudo o que se faz neste mundo. Nos raros momentos em que a mente se projeta para o alto em busca das razões e fundamentos das coisas, experimentamos a estranha sensação de estarmos sendo vítimas de uma fantástica brincadeira de mau gôsto.

Teriam os homens sido criados nesta terra apenas para comer, beber, vestir e lutar pela preservação de suas existências inúteis, sem qualquer sentido mais elevado, sem qualquer significado mais sublime para suas vidas?

Eis que um dia, porém, no meio de nossas preocupações quotidianas, do fundo de nossas atribulações minúsculas, ao passarmos arcados ao pêso de nossas desventuras pelas veredas sem brilho de nosso viver diário, sentimos o nosso olhar inevitàvelmente solicitado a acompanhar a linha esguia de uma tôrre que se projeta para o céu. Algo de maravilhoso aconteceu ali: lá bem no alto, brilhando ao sol, como se tivesse por um momento capturado a fulguração de uma estrêla, a branca flecha despede raios de luz, apontando para o infinito num desafio terra-a-terra de nosso viver comum, e num convite à meditação sôbre o significado eterno da existência.

Ainda que firmemente alicerçada na terra, e embora construída de sólidos materiais, aquela tôrre esguia eleva-se como que espiritualizada, apontando o rumo da eternidade.

Em sua muda mensagem ela nos convida a fazermos o mesmo; a espiritualizarmos nossa vida tão chã: a crermos no amor do Criador dêste maravilhoso Universo em que vivemos. Ela nos convida a repudiarmos o pessimismo e a não darmos crédito ao poeta amargo que dizia: "Maldita a vida que promete e falta... que mostra o céu prendendo-nos à terra."

Ao fim da jornada há um Pai amoroso que nos espera. Aquêle mesmo Pai que um dia se despediu de nós quando partíamos de sua presença augusta para enfrentarmos o vale desta experiência terrena tão indispensável ao nosso progresso eterno.

Restaurada em sua plenitude nestes últimos dias, a Igreja de Jesus Cristo ergue-se novamente como uma tôrre a apontar o céu, como um marco de luz na noite do pessimismo e da desorientação do mundo, mostrando aos homens o sentido real da vida com a sua mensagem de fé e esperança:

"Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos? Mas buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça e tôdas estas coisas vos serão acrescentadas".

EM NOVA EDIÇÃO!

REVISTA e Ampliada, um dos Livros mais lidos em Toda Igreja.

UM PRESENTE INESQUECIVEL!

400 páginas de cativante leitura! Uma exposição autorizada da Doutrina Mormon

Agora numa luxuosa encadernação padrão para as obras fundamentais da Igreja, as quais você tem satisfação de incluir como indispensável em sua biblioteca. Peça-a imediatamente ao

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO